

textos clássicos - 4

FILOCTETES

Sófocles

3.^a edição



José
Ribeiro
Ferreira

N.Cham. 875 S712p =690 3. ed.

Autor: Sófocles

Título: Filoctetes



10022160

923317

UnB BCE AGE

TEXTOS UNIVERSITÁRIOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Filoctetes

Sófocles

Introdução, versão do grego e notas de

José Ribeiro Ferreira

3.ª EDIÇÃO

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
JUNTA NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

923317

Universidade de Brasília	
DFC. Gulbenkian	
10-7-05	PT 20100
10022160	

9/12/85

875
5712p
= 690
3. ed.

Título – FILOCTETES

Autor – SÓFOCLES (em tradução de JOSÉ RIBEIRO FERREIRA)

3.ª Edição – FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

JUNTA NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TECNOLÓGICA

Tiragem – 2000 exemplares

Composição, impressão e acabamento – Imprensa de Coimbra, Lda

Distribuição – DINALIVRO • AUDIL

© Fundação Calouste Gulbenkian

© Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica

Depósito Legal n.º 19275 / 87

ISBN 972-31-0756-2

ISBN 972-9493-39-1

NOTA À 3.^a EDIÇÃO

A terceira edição desta tradução do Filoctetes de Sófocles é praticamente uma reprodução anastática da anterior, com excepção de correcção de gralhas, duas leves alterações (vv. 509 e 859-860) e da actualização da bibliografia. As circunstâncias assim o determinaram.

Coimbra, 15.3.1997

PREFÁCIO

Desde os meus tempos de estudante da Faculdade tem o Filoctetes de Sófocles exercido em mim uma atracção especial. Impressionava-me, e impressiona, a tragédia de um homem rejeitado e atirado para solidão injusta e roaz de dez anos; impressionava-me a sua luta — quase um encarniçamento — contra toda a espécie de pressões e ameaças, viessem de onde viessem, para continuar livre e senhor do seu querer e dos seus actos; impressionava-me a figura jovem de Neoptólemo que, apesar de enredado de início, nos laços subtis da trama de Ulisses, consegue depois libertar-se e ser a pessoa leal, justa, firme e amiga do seu amigo. Isso me levou a introduzir a referida tragédia no programa de Língua Grega II (1972/1973) e a iniciar a sua tradução, que concluí em 1975.

Das motivações íntimas que me impeliram à sua realização e do estado de espírito em que decorreu o acabamento, resultou o ritmo emocional patente na «Introdução». E resultou sentir-me, não amiudadas vezes, atraído pelo conteúdo ideológico, pela dialéctica dos conceitos e pelo entrechocar dos diferentes códigos de valores morais. Talvez por via disso e também porque nem sempre é fácil reproduzi-los de forma satisfatória na língua portuguesa, tivessem ficado na sombra, por vezes, aspectos e processos estilísticos — importantes, sem dúvida, para a apreensão plena do pensamento de Sófocles e a apreciação da beleza e força da sua

tragédia. É uma lacuna que reconheço e que espero preencher, se a simpatia do leitor me acompanhar em futuras edições.

Serviui de base à presente versão o texto de A. C. Pearson, Sophoclis fabulae, Oxford Classical Texts, na reimpressão de 1961, que contém correcções à primeira edição de 1924. Aproveitei, contudo, certas sugestões e emendas da edição comentada de T. B. L. Webster, Sophocles-Philoctetes, Cambridge Univ. Press, 1970.

Aos Professores Doutores Maria Helena da Rocha Pereira e Walter de Sousa Medeiros devo uma palavra de agradecimento. Se o número de sugestões de que este trabalho beneficiou me dissuadiu de as especificar no local próprio, em notas, não posso deixar de aqui declarar o meu débito e de expressar o meu agradecimento sincero.

Coimbra, 10.1.1979

INTRODUÇÃO

1. O primeiro capítulo do livro trata da análise da obra de Shakespeare, com especial atenção para o estudo dos personagens secundários. A análise é feita a partir de uma perspectiva psicológica, com ênfase na descrição dos aspectos psicológicos dos personagens secundários. A análise é feita a partir de uma perspectiva psicológica, com ênfase na descrição dos aspectos psicológicos dos personagens secundários.

2. A análise da obra de Shakespeare é feita a partir de uma perspectiva psicológica, com ênfase na descrição dos aspectos psicológicos dos personagens secundários.

O *Filoctetes* (409 a.C.) baseia-se no contraste entre três figuras, duas que se opõem frontalmente, Filoctetes e Ulisses, e uma terceira que é atraída ora para a esfera de um, ora para a esfera do outro, Neoptólemo. Filoctetes, o homem abandonado que a solidão e o sofrimento endureceram, sem lhe destruírem a sensibilidade; Ulisses, o político sem escrúpulos morais que age pelo oportunismo e interesse e utiliza quaisquer meios para conseguir os seus objectivos; Neoptólemo, o jovem ingénuo, bom e generoso, que aprende com as situações embaraçosas, e sofre uma visível transformação psicológica¹. Da correlação de forças entre estas três personagens nasce e se desenvolve a acção.

Neste aspecto o *Filoctetes* é um tanto diferente da generalidade das peças conservadas de Sófocles. Nelas aparecem frequentemente personagens secundárias cuja missão fundamental é a caracterização, por contraste, do protagonista ou de outra personagem central. É o caso de Ismena na *Antígona*, de Crisótemis na *Electra*. Diferentemente, o *Filoctetes* não tem personagens secundárias que venham caracterizar, por contraste, os seus interlocutores. São praticamente três figuras, a que devemos juntar o Coro², e todas elas importantes, a ponto de

¹ Há, contudo, classicistas que não encontram em Neoptólemo qualquer transformação ou evolução psicológica, mas somente um reencontro com a sua natureza, a vitoriosa afirmação da *physis* contra toda a espécie de sedução e ameaça (cf. M. Pohlenz, *Die griechische Tragödie*, Göttingen, 1954, pp. 334-335, e A. Lesky, *Die griechische Tragödie*, Stuttgart, 3^a 1964, pp. 162-163). Sobre esta questão, vide J. Ribeiro Ferreira, «O problema educativo do *Filoctetes*», *Humanitas* 29-30 (1977-1978) 21-25.

² Já analisámos a actuação do Coro em «O Coro do *Filoctetes* de Sófocles», *Biblos* 51 (1975) 595-610.

não haver unanimidade quanto à figura central. «Le véritable héros de la tragédie, ce n'est pas Philoctète, c'est Néoptolème», escreve Paul Mazon¹.

No entanto, o nome dado por Sófocles à peça foi o de *Filoctetes* e isso tem um significado. O que Sófocles quis pôr em cena foi a tragédia do homem solitário que a ingratidão, a deslealdade, a injustiça lançaram numa ilha deserta, o drama do homem que dez anos de solidão endureceram no ódio e na revolta. Filoctetes não se deixa dobrar e prefere quebrar; possui uma vontade inflexível que, por vezes, parece ultrapassar a medida, caindo em excessos que a nossa razão fria desaprova. No entanto, ele é um homem que foi vítima de uma injustiça atroz, que não inventa perseguições, mas sofreu acerbamente na carne a traição e a ingratidão. Acedendo ao chamamento dos Atridas, parte para Tróia, indica-lhes o local do santuário da ninfa Crise, onde é mordido pela serpente guardiã do templo. Inutilizado, enfermo, logo se vê abandonado por aqueles a quem servira. Um dia em que, exausto de uma viagem tempestuosa e das geadas que o torturam, adormece na praia da ilha de Lemnos, abandonam-no, sem alimento, sem recursos e diminuído por uma chaga que quase o imobiliza. Ao despertar sente apenas o marulho das ondas e a ausência das naus:

..... Não havia homem algum no lugar,
ninguém que me socorresse e me ajudasse
a suportar a dor. Observei tudo
e nada encontrei que não fosse o desespero presente
e desse muita abundância, meu filho.

(vv. 280-284)

Dez anos viveu nesse desespero, arrastando-se penosamente pela ilha em busca do necessário. Tinha por companhia as aves, os animais, a solidão, o eco dos seus lamentos (vv. 936-940, 1081-1094, 1146-1162 e 1453-1460)... e a revolta que lhe minava a alma, lhe cimentava o ódio contra os Atridas e contra o exército dos Gregos. A vida de sofrimento e de injustiça, a solidão

¹ *Sophocle III*, Paris, Les Belles Lettres, 21967, p. 6.

que o rodeava tornaram-no desconfiado e suspeito — um tanto insociável mesmo. Sente-se agora nele uma certa agressividade que o aproxima do homem primitivo e selvagem¹. No entanto, embora a injustiça sofrida lhe tenha provocado um ódio entranhado a Ulisses e aos Atridas, não o fez descrever de todo nos homens, como está patente na necessidade que sente de ajuda e no desejo que manifesta de sair da ilha deserta, regressar à pátria e rever o idoso pai. À vista de Neoptólemo e dos seus homens, a esperança parece raiar-lhe num momento fugaz em explosão de alegria (vv. 234 sqq.); mas foi lampejo que logo se sumiu no escuro do desengano. Após tudo o que passara, quando julgava ter encontrado a libertação e lhe sorria a alegria do regresso, depara — para cúmulo! — com a mentira, o ludíbrio e a traição. Foi o derruir da derradeira parcela de crédito na humanidade, foi a decepção que quase lhe tira a fala, por ser o desmoronar da última esperança inesperada — golpe horrível por vir de quem lhe vinha:

Ai de mim! que dizes?

são as suas únicas palavras (v. 917), quando Neoptólemo confessa que o havia enganado e que pretende levá-lo para Tróia, para junto do exército dos Atridas (vv. 915-916). Uma traição do filho do seu amigo Aquiles, o homem impoluto, valoroso e sem mácula. Não se contém que não lance uma torrente de imprecações entremeada de súplicas (vv. 927-962). Custa-lhe a admitir que o filho do seu maior amigo possa proceder de forma tão desonrosa: com a mentira, com a deslealdade, com a traição (vv. 971-973). E ainda por cima mancomunado com o seu pior inimigo, com Ulisses que um dia o abandonara sem escrúpulos e agora o vem buscar com falas mansas e promessas de glória e de cura. Filoctetes não pode aceitar semelhante situação. Ir para Tróia, conviver com Ulisses e os Atridas causa-lhe horror. Ajudá-los a alcançar a glória é doloroso e inconcebível. Antes a morte — que procura quando vê Ulisses

¹ Sobre esta característica de Filoctetes, vide Ch. Segal, «Divino e umano nel Filottete di Sofocle», *Quaderni Urbinati* 23 (1976) 72-75.

de posse do seu arco. Não fora este impedi-lo e atirar-se-ia dos penhascos (vv. 999-1005).

E Filoctetes deixa de acreditar por completo nos homens. O que sente agora por eles é asco, revolta, ódio.

..... *Se os visse a eles na ruína, julgar-me-ia curado da minha enfermidade*

são as últimas palavras (vv. 1043-1044) de uma longa e violenta fala que profere, quando Ulisses ordena aos guardas que lhe prendam as mãos. Chega mesmo a descrer dos deuses (vv. 446-452 e 1020-1021). Culpado ele? Culpada antes a sociedade que nada lhe deu, que não viu nele o homem e dele fez a peça da máquina, lançada fora e procurada consoante as circunstâncias. Culpados foram o poder e os homens seus representantes que o rejeitaram, quando não servia, e o foram buscar pressurosos, quando se tornou necessário, sem terem na mínima conta o homem que ele era. Com razão observa H. C. Avery que Filoctetes, de início, apesar do que lhe haviam feito os Gregos, não manifesta azedume para com eles e que as primeiras palavras amargas (vv. 254-256) surgem só ao saber que o seu nome e o seu sofrimento nem sequer são conhecidos na Hélade¹. Nas suas relações com os Atridas e com Ulisses imperou a ambição, o interesse, a falta de humanidade. Por isso Filoctetes desconfia da solicitude com que agora o procuram; presente, tem até consciência perfeita de que por detrás daquela procura de que é alvo está um interesse, está uma necessidade e nunca a reparação de uma injustiça ou a amizade:

..... *nunca uma travessia destas terieis empreendido por um desgraçado, se um aguilhão divino não vos trouxesse até mim.*

(vv. 1037-1039)

A injustiça, o egoísmo, a traição de que é alvo ao longo de dez anos levaram-no a detestar a própria vida e a detestar-se a si. Detestou-se e, mesmo no meio dos homens, sentiu-se

¹ «Heracles, Philoctetes, Neoptolemos», *Hermes* 93, 3 (1965) 280.

cada vez mais só. Os homens já lhe não diziam nada, ou pouco lhe diziam. É perfeitamente elucidativo deste estado de espírito o *kommós* (vv. 1081 sqq.), em que, indiferente aos conselhos do Coro¹, se dirige à gruta, às aves, aos animais, às ondas marulhantes do mar, aos montes que, durante dez anos, testemunharam o seu sofrer. Neles sente maior companhia, maior corrente simpática do que no Coro — nos homens de que só recebeu injustiça. A estes ignora-os e só dá pela sua presença, quando insistem no regresso a Tróia (vv. 1163-1175). Foi como se uma mola interna o revolvesse todo. Tróia está ligada aos Atridas, a Ulisses, aos homens que mais detesta.

Acusam-no de rejeitar a sociedade. Mas foi ela quem o rejeitou — foi o poder em nome dela. Filoctetes apenas exigia que o tratassem como homem e não como coisa. Quis o poder utilizá-lo como peça dócil. Contudo, era um homem livre e não escravo, como diz nos vv. 995-996 — e não se submeteu. Quis continuar livre, ser homem; preferiu a morte — que era certa, após lhe haverem roubado o arco — a rebaixar-se e a prescindir da liberdade. Resistiu a todas as pressões, escondidas nas belas palavras e nas promessas mais sedutoras, ou acompanhadas das mais cruéis ameaças. Resistir era para ele uma virtude (vv. 533-538, 794-795), e não concebia que alguém o pudesse obrigar a fazer o que não queria. Por isso — porque a sua honra, o seu conceito rígido de dignidade lhe não consentem uma possibilidade de colaboração com os Atridas e Ulisses (vv. 1174-1177) —, a sua resposta é um não total. Recusa, quando Ulisses lhe faz promessas, e recusa, quando o ameaça (vv. 982-1002); recusa, em palavras que patenteiam toda a sua obstinação, quando está na iminência de ficar só na ilha, sem recursos e sem arco, e o Coro o convida a ceder e a partir:

*Nunca, nunca, fica seguro disso,
nem que o tonitruante Zeus que lança o raio
me fulmine com o lampejo do trovão.*

(vv. 1197-1199)

¹ Aliás, como nota Kitto, *Greek Tragedy* London, Methuen, 1966, pp. 306-307, o que o Coro diz neste *kommós* não convence, sobretudo um homem a quem a crueldade exasperou, um homem que se sente perseguido e caçado como um animal.

Recusa ainda, quando Neoptólemo, já reabilitado e senhor da sua confiança pela entrega do arco, lhe pede com palavras muito sinceras que aceda a embarcar para Tróia (vv. 1265-1392).

Será esta recusa, firme e inflexível, fruto de obstinação insensata, de que muitos o acusam, ou de oposição à vontade dos deuses?¹ Consideremos as circunstâncias em que viveu nos últimos dez anos e o processo desleal com que, de início, tentaram levá-lo para Tróia. Filoctetes é um homem a quem os longos anos de solidão devastaram. Quando vê alguém a quem se dirigir e com quem conversar, sente uma alegria infantil (vv. 220-231) que toca o auge, quando sabe que são gregos e está entre eles o filho de um seu amigo. A traição deste foi um rude golpe a juntar ao tempo de sofrimento e solidão. Tudo isto, mais o rancor que nutria por Ulisses e pelos Atridas, explica sobejamente a sua atitude². Além disso, como nota M. O. Pulquério, Filoctetes opõe-se ao agir e às pretensões dos homens, mas nunca tem em vista negar o seu concurso à realização do oráculo dos deuses: a maneira como este lhe foi revelado — envolto em mentira e traição — é que lhe não permitiu ver por trás das palavras dos homens a vontade dos deuses³.

Notemos ainda que a sua recusa é categórica, mas não isenta de hesitações. *Que fazer?* — pergunta ele (vv. 1063-1064), quando Ulisses se apresta para partir com o arco e abandoná-lo à morte inevitável. Uns versos mais adiante (vv. 1181-1182),

¹ Vide M. P. Nilsson, *Geschichte der griechischen Religion I*, C. H. Beck, 1967, pp. 757-758. Sobre a análise da relação de Filoctetes com os deuses, vide Ch. Segal, «Philoctetes and the imperishable piety», *Hermes* 105 (1977) 133-158, sobretudo 148-150.

² Além disso, na tentativa de convencer Filoctetes, não há insistência no argumento teológico — Neoptólemo, embora anuncie o oráculo, continua a agir como se ele não existisse ou pudesse ser negligenciado — nem se recorre ao argumento de que a sua partida livraria milhares de soldados gregos de longos sofrimentos, porque da não aceitação de tal argumento resultaria a perda de muita da simpatia dos espectadores (vide Kitto, *Greek Tragedy*, p. 308).

³ Vide M. O. Pulquério, *Problemática da tragédia sofocliana*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1968, pp. 131-132.

numa contradição interior, suplica ao Coro que não parta, quando pouco antes lhe dera ordem contrária (v. 1177). Depois, após o pedido de Neoptólemo reabilitado, não sabe o que fazer. Sente asco pela vida que o fez descrever de tudo e deseja morrer (vv. 1348-1349). Ceder não pode e dizer não à voz amiga do jovem é amargo como o absíntio (vv. 1350-1351). Sente pena e até desespero em não ceder e em não poder acreditar nas palavras de Neoptólemo que, com boa vontade e boas intenções (*εἰσροϋς*), o aconselha¹. Contudo, paladino do ideal e da honra dos heróis — e neste aspecto manifesta uma acentuada semelhança com o *Ájax* da peça homónima — interroga-se:

Mas posso realmente ceder? E como vou eu, desgraçado, aparecer à luz do dia, depois de proceder desse modo? A quem vou falar? Como é que vós, olhos meus, que vistes tudo o que me cerca, podeis tolerar que eu conviva com os filhos de Atreu que foram a minha ruína? Que conviva com o filho maldito de Laertes?

(vv. 1352-1357)

Isto é significativo. Rejeitado pelos seus pares, Filoctetes, agora que o destino dera a volta e não podem passar sem ele, obriga os homens a dobrarem-se perante o seu poder: os deuses haviam posto todas as armas nas suas mãos, de modo que tudo

¹ Sobre a importância da amizade na peça, vide J. Ribeiro Ferreira, «O problema educativo do *Filoctetes*», *Humanitas*, 29-30 (1977-1978) 34-36.

Aliás, se Filoctetes, com a sua conduta íntegra, influencia profundamente Neoptólemo, sente-se também cada vez mais influenciado por este, como deixam entrever os versos 1350-1351:

Ai de mim! que devo fazer? Como não acreditar nas palavras deste jovem que com amizade me aconselha?

que profere, quando o filho de Aquiles, restituído à sua autenticidade, o aconselha com muita sinceridade e simpatia. Isto leva-nos a pensar que, se este tivesse usado, desde o início, de lisura e verdade com Filoctetes, talvez a persuasão tivesse sido possível — opinião também perfilhada por Bowra, *The Sophoclean Tragedy*, Oxford, 1944, pp. 299 e 305; B. M. W. Knox, *The Heroic Temper*, Berkeley, 1966, pp. 119-120 e 136-137; Ch. Segal, «Divino e humano», pp. 82-83.

dependesse do seu sim ou do seu não¹. Deste modo, de homem injustamente tratado, farrapo humano nas mãos dos outros, tornou-se no homem exaltado pelos deuses, no homem imprescindível à sociedade que o desprezou e agora o tem de procurar. Procurou-o, contudo, sem simpatia humana, como o animal a apanhar na armadilha, como a peça necessária, e não para reparar a injustiça que lhe fizera, o que o leva a não confiar nas palavras dos homens, a recusar tudo o que lhe não aparecesse com total clareza. Quando, porém, Hércules lhe mostra que a sua colaboração é necessária e que o fluir da vida exige a sua presença, quando vê claro, não hesita e parte no cumprimento da sua missão. O seu assentimento é dado em três versos bem elucidativos do seu estado psicológico:

*Ó tu que me envias a voz desejada
e ao fim de longo tempo apareces!
Não desobedecerei às tuas ordens.*

(vv. 1445-1447)

A este homem sofredor, ímpoluto mas inflexível, se opõe Ulisses, o político sem escrúpulos e sem princípios morais. Não há valores que contem, e tudo é relativo para ele. Avalia as coisas de acordo com o interesse, a utilidade — pessoal ou do grupo social que representa —, pelo que não olha a meios para atingir os seus objectivos. Perante a estranheza interrogativa de Neoptólemo, que considera uma desonra mentir para alcançar determinados fins, Ulisses apressa-se a responder (v. 109) que não há desonra

se a mentira nos traz a salvação.

¹ Vide M. O. Pulquério, *Problemática*, pp. 113-136, onde se analisa o modo como, na peça, se misturam mentira e verdade, como Ulisses conclui por uma impossibilidade de cumprir o oráculo e como os deuses dispõem os acontecimentos de modo a oferecerem a Filoctetes meios de humilhar os seus inimigos e de obter uma reparação das injustiças recebidas e do imenso sofrimento passado.

² Sobre a figura de Ulisses e seus traços essenciais vide «O Significado da Figura de Ulisses no *Filoctetes*», *Humanitas* 31-32 (1979-1980) 115-139.

Resposta bem sua, como quando Neoptólemo estranha que alguém tenha o descaramento de «proclamar tais coisas»:

Quando se age para nosso interesse, não se deve hesitar.

(v. 111)

Aliás, todas as intervenções de Ulisses são marcadas por profundo maquiavelismo político. Quando Neoptólemo recusa aderir ao plano exposto por ele e prefere o confronto directo (vv. 86-95), responde:

Filho de nobre pai, também eu, quando era jovem, tinha a língua preguiçosa e pronto o braço. Hoje, com a experiência, vejo que, entre os mortais, são as palavras, e não as acções, que conduzem tudo.

(vv. 96-99)

Mais expressivos ainda são os conselhos que lhe dirige:

Eu sei, meu filho, que não é da tua natureza falar assim, nem tecer armadilhas. Mas tem coragem, porque é agradável alcançar a vitória. Depois disto se verá outra vez a nossa justiça. Agora põe-te ao meu dispor pelo curto espaço de um dia, para agir sem escrúpulos; depois, durante o resto da vida, podem considerar-te o mais honesto de todos os mortais.

(vv. 79-85)

Palavras capciosas e sofisticadas de um homem que põe os seus interesses acima de tudo o mais. Ele próprio se apresenta como a pessoa que a circunstância reclama (v. 1049). Sem escrúpulos de moral, justiça ou honestidade, apenas a ocasião e as circunstâncias do momento norteiam toda a sua actuação¹.

¹ Como era corrente na época da composição do *Filoctetes* (409 a.C.) e como, aliás, o Coro aconselha Neoptólemo a fazer (vv. 837-838 e 855-864).

Sobre a crise de valores nos fins do séc. v e seus efeitos nas relações entre cidades e dos cidadãos uns com os outros, vide Ed. Lévy, *Athènes*

Vê que, por meio de um plano bem urdido, pode, sem correr grandes riscos e com toda a facilidade e comodidade, tornar Filoctetes inofensivo e colocá-lo na dependência da sua vontade. Ora, para a realização de tal plano, poderá contar com o filho de um dos maiores amigos da vítima, com Neoptólemo que, sem levantar a mínima suspeita, lhe conquistará a confiança e se apoderará do arco.

Ulisses, um símbolo do poder injusto e tirânico, que tritura e reduz quem apanha no caminho e se lhe opõe, não procura adaptar-se à vontade das pessoas. Estas é que são obrigadas a obedecer, a abandonar o seu querer e a submeter-se. A vontade de cada um não conta para os que defendem e detêm esse poder: conta apenas a sua e o que considera certo. Ulisses passa por cima de todos os princípios para cumprir o que podemos chamar a razão de Estado¹. Não recua perante a falsidade, a traição, a violência.

Há quem defenda Ulisses², alegando que trabalhava para o bem comum. A defesa começaria logo com o próprio Coro da peça, que acentua no *kommos*:

*Ele foi o único, entre muitos,
escolhido para tal empresa, e, por sua ordem,
realizou uma obra para bem de todos os amigos.*

(vv. 1143-1145)

Ulisses traz, de facto, uma missão que vai, é certo, beneficiar os Gregos, concluindo uma guerra e acabando com o sofrimento deles³.

devant la défaite de 404. Histoire d'une crise idéologique, Athènes: E.F.A., 1976, pp. 81-145.

¹ G. M. Kirkwood, *A Study of Sophoclean Drama*, Ithaca, Cornell Univ. Press, 1958, p. 149, considera Ulisses uma personificação do Estado (citando aliás G. Norwood, *Greek Tragedy*, London, 1948, p. 162).

² G. Ronnet, *Sophocle, poète tragique*, Paris, de Bôccard, 1969, pp. 256-257, por exemplo, tenta justificar o agir de Ulisses.

³ Há, contudo, quem note logo uma falta de precisão na missão de Ulisses e no plano gizado por ele (cf. C. M. Bowra, *Soph. Tragedy*, pp. 267-268). Em nossa opinião, M. O. Pulquério, *Problemática*, pp. 114-117, viu bem o problema, ao notar que tal deficiência é fruto de uma «intenção artística definida» de Sófocles.

Nós é que podemos perguntar se a guerra é justa¹ e se justa e honesta é a maneira como procura cumprir essa missão. Ora Ulisses — que arcava com uma boa parte da responsabilidade do abandono injusto de Filoctetes na ilha deserta de Lemnos —, por erro de julgamento e contra o oráculo que exigia o assentimento de Filoctetes pela persuasão, agiu traiçoeiramente, pelo engano, pela mentira, pela intriga. A sua actuação foi prepotente, injusta e tirânica. Não teve na mínima conta a vontade e a personalidade de Filoctetes, em que viu apenas o elemento necessário, a coisa imprescindível para atingir determinado fim. Embora o objectivo a alcançar fosse justo e correcto, Ulisses procedeu erradamente, tentou consegui-lo contra a justiça, repudiando os motivos morais². A justificar todos os seus actos e palavras, invoca o interesse e a utilidade, chama a razão de Estado e apela falaciosamente para a obediência à vontade dos deuses (vv. 989-990). Eis uma caracterização que tem com certeza muito de epocal. Esta modernização está acentuada na peça pela invocação que Ulisses faz à deusa Atena, dando-lhe os epítetos de *Nike* e *Polias*, correntes no séc. v, mas que constituem um anacronismo, porque não existiam quando Sófocles faz decorrer a acção³.

Portanto, Ulisses é a corporização e a encarnação de certas práticas políticas em voga à data da representação do *Filoctetes* — lembremo-nos do que defendiam certos sofistas e de que, por mais de uma vez, Sófocles apelida o Cefalénio de *esperto*,

¹ Embora na peça não haja uma condenação explícita da guerra de Tróia, há contudo uma cena (vv. 403-452) — quando Filoctetes pergunta a Neoptólemo por vários heróis aqueus — que conduz a esta conclusão geral: a guerra nunca ceifa os malvados e escolhe sempre os homens justos e bons (vv. 435-437). Vide J. Ribeiro Ferreira e Carlos Guimarães, *Filoctetes em Sófocles e em Heiner Müller*, Coimbra, 1987, pp. 30-33.

² Além disso, o oráculo impunha a ida de Filoctetes para Tróia de livre vontade, levado pela persuasão e nunca pela força (cf. vv. 611-613, 1332). Sobre a actuação de Ulisses e o problema da sua transgressão das prescrições do oráculo, vide M. O. Pulquério, *Problemática*, pp. 124-130.

³ Observe-se, no entanto, que E. Fraenkel, *Due seminari romani di E. Fraenkel: «Aiace» e «Filottete» di Sofocle, a cura di alcuni partecipanti* (Roma, 1977), pp. 46-48, tende a considerar espúrio o verso 134, em que esses epítetos se encontram.

sábio (vv. 14, 431-432, 439-441, 1244-1246); lembremo-nos também dos testemunhos de Tucídides e do que dizem *As Nuvens* de Aristófanes e outras obras da época. Tirado da realidade ateniense, difícil e agitada, dos fins do séc. v, Ulisses é um pragmatista dos muitos que deviam proliferar nos últimos anos conturbados da guerra do Peloponeso¹.

Ligada a Ulisses, aparece-nos uma personagem secundária, o Mercador, que dá origem a uma cena que tem sido muito discutida². Podemos considerá-lo uma falsa personagem, já que a sua missão era apoiar as palavras de Neoptólemo e transmitir-lhe novas directivas de Ulisses. Há quem não compreenda a sua actuação, ao revelar a ordem do oráculo de que Filoctetes só podia partir para Tróia de livre vontade e mediante a persuasão. De facto, parece contraproducente esta sua revelação, que dá a Filoctetes uma nova arma e nele provoca imediatas reacções negativas, numa altura em que já estava pronto a embarcar. Mas essas são consequências não previstas. Os deuses também intervêm na acção e estão nela interessados, ser-

¹ Vide J. Ribeiro Ferreira, «O Significado da Figura de Ulisses no *Filoctetes*» cit., pp. 132-137.

² Há autores, como Errandonea, *Sófocles*, Madrid, Escelicer, 1958, pp. 247-255, que — na esteira de outros por ele citados, como W. H. Woodhouse, «The scenic arrangements of the *Philoctetes* of Sophocles», *JHS* 32 (1912) 244, nota 11; M. Valgimigli, «Il *Filottete* di Sofocle», *RI*, 1928, 403, nota 1 — vêem no Mercador nada menos do que o próprio Ulisses disfarçado; autores que criticam a oportunidade e interesse da cena, por a considerarem um artifício desnecessário (A. Maddalena, *Sofocle*, Torino, 1959, pp. 241-242, *apud* R. Laurenti, «Interpretazione del *Filottete* di Sofocle», *Dioniso* 35 (1961) 45, nota 14), ou vazia e dramaticamente desnecessária (G. Ronnet, *Sophocle*, pp. 241-243); e, finalmente, autores que defendem a cena e a consideram dramaticamente importante. Dentre estes, citamos A. F. Garvie, «Deceit and persuasion in the *Philoctetes*», *Studi Classici in on. Q. Cataudella*, vol. I, Univ. Catania, 1972, pp. 215-219, que encontra a importância da cena no facto de afectar ou servir para explicar o comportamento das três principais personagens; H. D. F. Kitto, *Greek Tragedy*, p. 304, para quem o valor da cena está no fazer aumentar a consideração de Filoctetes por Neoptólemo e mostrar a este quanto aquele odeia Ulisses; R. Laurenti, *Dioniso* 35, pp. 45-48, que defende a cena pelas razões apontadas por Kitto e ainda por vir confirmar as palavras de Neoptólemo e por lançar no espírito deste as primeiras dúvidas, quanto à utilidade do seu desonesto agir.

vindo-se dos homens para a consecução dos seus objectivos¹. Além disso, as palavras do Mercador, ao anunciar o envio de um barco na peugada de Neoptólemo para o obrigarem a regressar a Tróia (vv. 561-566), além de provocarem em Filoctetes uma maior ânsia de partida, aumentam nele a consideração pelo filho de Aquiles, por o julgar também perseguido²; e, sobretudo, vêm lançar no espírito do jovem as primeiras dúvidas³, que, como veremos, serão o início de uma mudança profunda no seu agir. Como observa Kitto⁴, a cena serve também para mostrar a Neoptólemo quanto Filoctetes odeia Ulisses e para introduzir uma transformação decisiva na situação: o filho de Aquiles, apesar de, em curto espaço de tempo, ter cumprido com êxito total o plano gizado por Ulisses, sente que tudo foi inútil, que nada adiantaram o engano, a mentira, a traição, que de nada valeram a humilhação e a desonra a que se sujeitou. Por isso, responde categórico ao Coro em hexâmetros, o verso dos oráculos:

*É certo que ele não ouve nada, mas eu vejo que apresámos
em vão as armas, se embarcarmos sem este homem.*

*Dele é a coroa, foi a ele que um deus ordenou que
[levássemos.*

*Gloriar-se de um desaire escorado na mentira é vergonha
[e infâmia.*

(vv. 839-842)

O Mercador age de acordo com aquilo que é e cumpriu rigorosamente a sua missão. E Neoptólemo, como Ulisses aconselhara no Prólogo (vv. 126-131), soube aproveitar das suas palavras veladas tudo o que lhe pareceu útil.

¹ Vide M. O. Pulquério, *Problemática*, pp. 120-122, onde analisa esta cena e a revelação, aparentemente estranha, feita pelo Mercador, da necessidade de Filoctetes ser convencido pela persuasão.

² Vide H. D. F. Kitto, *Greek Tragedy*, p. 304; R. Laurenti, *Dioniso* 35, p. 46.

³ Vide A. F. Garvie, *Studi Classici* I, pp. 215-216; R. Laurenti, *Dioniso*, 35, pp. 47-48; G. M. Kirkwood, *Soph. Drama*, p. 260.

⁴ *Greek Tragedy*, pp. 303-304.

Jovem generoso, mas inexperiente, Neoptólemo move-se entre os dois opostos, Filoctetes e Ulisses. O seu coração arde no desejo de glória, anseia a fama. Quando lhe dizem que estava nas suas mãos a conquista de Tróia, não pensa duas vezes, embarca logo (vv. 343-353). É sua grande ambição ser digno da glória do pai. No entanto, deseja fazê-lo com honra, imitá-lo em tudo e não deixar atrás de si a injustiça e a traição. Dominado por escrúpulos morais, o seu maior receio é cair no *δνειδος* e aparecer como um *αίσχρός*. Neste aspecto há uma demarcação nítida entre ele e Ulisses (vv. 86-95, 108). Este é, contudo, um profundo e experiente conhecedor da alma humana e soube aproveitar-se da juventude e da falta de experiência de Neoptólemo. Ciente de que este oporá resistência ao seu plano de intriga, explora sabiamente o seu desejo de glória e o desejo de cumprir o dever militar. Por isso, antes de lhe expor o plano, começa por o preparar psicologicamente, lembrando-lhe que é seu subordinado (vv. 50-53).

Neoptólemo revolta-se e recusa, de início, seguir o proceder que Ulisses dele exige. Repugna-lhe. Não é homem que queira usar do subterfúgio e da mentira para atingir os seus objectivos, prefere usar da lealdade (v. 102). No entanto, Ulisses sofisticada e habilidosamente faz-lhe ver que a vida não é tão fácil como julga e que nem sempre as circunstâncias nos permitem agir como queremos; que, se não fosse tão novo, a experiência já lhe teria ensinado que as palavras tudo governam (v. 99), que frequentemente é mais útil a astúcia e o fingimento do que o valor e a coragem. Diz-lhe que Filoctetes, homem inflexível, nunca se deixará convencer pela persuasão, quaisquer que sejam os argumentos e razões, e que, pela força, não é possível ninguém apoderar-se dele, porque possui armas infalíveis que seriam um perigo se continuassem nas suas mãos (vv. 102-105). Por isso, há que proceder com manha e astúcia, escondendo os verdadeiros objectivos da missão. Só assim será possível levá-lo para Tróia, onde a sua presença é imprescindível: se não conseguirem que ele vá, nunca Neoptólemo obterá a glória de ser o conquistador de Ílion (vv. 111-115).

Ulisses sabe explorar bem o desejo de fama do jovem e a sua inexperiência, demonstra com argumentação capciosa

que só pela astúcia seria possível levar o herói a embarcar para Tróia (vv. 107-116), une de tal maneira a glória de Neoptólemo ao destino de Filoctetes que o jovem acaba por concluir:

Temos então de o apanhar, se assim é. (v. 116)

e

Seja. Assim farei, pondo de lado qualquer escrúpulo.

(v. 120)

A inexperiência e a ingenuidade não lhe deixam distinguir perfeitamente o bem do mal¹ e, por isso, é bastante influenciável. Sente-se enredado na argumentação sofisticada e pouco límpida de Ulisses. Dizem-lhe que o seu dever é obedecer, e ele, embora a custo, obedece; que não é vergonha dizer mentiras, e ele acredita. Com o evoluir da acção, porém, Neoptólemo confronta-se com a vida, com o sofrimento, com a injustiça, vê-se na necessidade de se definir, e então revolta-se contra as ordens e as leis que considera injustas. Não tinha experiência da vida, não lhe conhecia os meandros, nem sabia distinguir as variadas faces de um mesmo rosto; por isso, se deixou enredar. Depois, por experiência própria, por se ver no meio dos acontecimentos, por ter de decidir e tomar partido entre a justiça e a injustiça, a honradez e a traição, o humanitarismo e o interesseirismo, amadureceu e viu até onde tinha sido conduzido, até onde descera. Sentiu dentro de si uma dor profunda: sofria pela acção infame e baixa que cometera, sofria pela injustiça e traição que praticara. No entanto, está sob as ordens de Ulisses e deve-lhe obediência. Obedecer-lhe é, contudo, cometer uma acção injusta, desonesta, desonrosa. Neoptólemo não sabe o que fazer nem onde está a verdade. Sofre, como bem demonstra a agitação que o toma

¹ A interpenetração do bem e do mal, que são uma constante da existência humana, torna difícil separar e distinguir, perfeitamente e na totalidade, um do outro. Por isso, não é de modo algum correcta a interpretação maniqueísta da peça, que vê em Ulisses um símbolo do Mal e em Filoctetes um símbolo do Bem, entre os quais balança e hesita o jovem Neoptólemo (vide G. Ronnet, *Sophocle*, p. 258).

a determinada altura e que Filoctetes detecta e sublinha nestas palavras:

*Isso está bem patente agora na sua aflição pela falta que
cometeu e pelo sofrimento que me causou.*

(vv. 1011-1012)

É esta luta íntima que o amadurece, o torna homem. É luta longa que começa com as dúvidas que lhe deixa a cena do Mercado¹ e se cimenta com a crise de Filoctetes e com a prova de confiança deste, ao passar-lhe o arco e ao entregar-se à sua guarda (vv. 658-670, 757-813); uma luta que o leva à confissão difícil e dolorosa da sua traição (vv. 895-974) e que, depois, se mantém latente e calada durante a intervenção de Ulisses (vv. 974-1080). Foi um período, apesar de curto, muito rico de experiências e de sofrimento. O contacto com Filoctetes mostra-lhe um outro modo de pensar a vida e de sentir os valores humanos e os problemas morais, bem diferente do de Ulisses. Dentro dele processa-se uma confrontação activa com duas maneiras tão díspares de actuar e de pensar, que lhe permitiram fazer a destrição e proceder a uma escolha. Quando regressa no v. 1218, vem totalmente mudado: parece um outro homem. Cortara com Ulisses para aderir a Filoctetes. A honradez deste, a sua amizade, a confiança que nele despositara, a sua vida de sofrimento e a injustiça de que fora alvo conquistaram a alma generosa e justa do filho de Aquiles. Se, por momentos, a inexperiência e a ambição o haviam traído, a vida é, contudo, uma grande mestra, e Neoptólemo aprendeu à sua custa a distinguir o bem do mal; amargamente comprovou que, entre a argumentação e a realidade, entre as palavras e a verdade, medeia, por vezes, uma abissal distância. A sua alma honesta e justa não lhe consente pactuar por mais tempo com a traição e a intriga de Ulisses. Por isso, regressa com o arco para o devolver a Filoctetes. Ameaças, não as teme e visa só um objectivo: reparar a falta cometida (vv. 1222-1260). Resolvera ser o que a

¹ Cf. A. F. Garvie, *Studi Classici I*, pp. 215-216.

consciência e a honra lhe impunham e não há nada que lho impeça, nem rogos nem ameaças. Mostra-se um homem com ideias bem assentes e claras que defende com toda a independência¹. Senhor da situação e do seu querer, enfrenta sem medo Ulisses e, quando este puxa da espada, responde com igual gesto (vv. 1254-1256). O Cefalénio tem de ceder e partir vencido.

Neoptólemo, contudo, não esquece as palavras do oráculo, a missão que o trouxe e não desiste do seu cumprimento. Sabe que veio sob as ordens de Ulisses e que o exército lhe confiou a missão de levar Filoctetes para Tróia, de acordo com as prescrições do oráculo. Aprendera, no entanto, que a força nada resolve e a traição muito menos. Apenas complicaram as coisas e lhe deixaram no interior a amargura da injustiça e o remorso da perfídia e do abuso de confiança. Por isso, segue a via da sinceridade e da inteireza. Com palavras amigas e leis tenta convencer Filoctetes. Este, contudo, representante do pensar antigo, não é capaz de compreender que Neoptólemo possa conviver com pessoas de mente infame e coração inclinado à prática do mal (vv. 1362-1364), pessoas injustas, ingratas e que não recompensam o mérito e o valor (vv. 1364-1367). Por isso, parece-lhe mais justo que Neoptólemo abandone tais pessoas e, depois de o levar a casa, se deixe ficar também em Ciros, pois

..... evitando ajudar os perversos,
não parecerá que tens uma natureza igual à sua.

(vv. 1371-1372)

Para Filoctetes os novos tempos só trazem maldade; com eles não vê nem consegue estabelecer qualquer elo de ligação ou quaisquer pontos possíveis de contacto. Só a retirada e o abandono desiludido e superior. Neoptólemo compreende-o, mas não concorda com a retirada. Sabe que a solução está na doação aos outros, na amizade, no respeito pelo próximo. Gostaria

¹ Sobre a análise desta cena, vide J. Ribeiro Ferreira, «O problema educativo», pp. 45-47.

que Filoctetes acreditasse também nos deuses, que predizem a sua partida para Tróia, e a sua cura naquela cidade; e acreditasse nas palavras que lhe dirige como amigo (v. 1375). Por isso, tenta convencê-lo a partir, já não tanto pelo desejo de glória própria nem para evitar a cólera dos Atridas e do exército, mas mais por amizade e benevolência. Daí a insistência nos tópicos «amigo»¹, «ajuda» (vv. 1378, 1383) e a afirmação de que Filoctetes não está a compreender a sua intenção (v. 1389). Não compreende, de facto, e vê um segundo sentido em todas as palavras — resultado, em grande parte, do clima de fraude e de engano em que o envolveram. Por isso, Filoctetes utiliza a tática da avestruz e rejeita a salvação e a glória que Neoptólemo lhe oferece (v. 1392).

Perante a intransigência do herói o filho de Aquiles cumpre, honrada e lealmente, a promessa feita de transportar Filoctetes, à pátria². É agora um homem que rejeita toda a espécie de violência, a ponto de se interpor entre Filoctetes e Ulisses, quando aquele está prestes a atingir o Cefalénio com uma seta (vv. 1300-1304). Pelo contrário, age pela persuasão, compreensão, franqueza: tenta obter a anuência de Filoctetes, sobretudo porque da partida resulta benefício para o herói e para o exército. Não se coíbe mesmo, quando revestido já de credibilidade junto do infeliz por haver restituído o arco, de o censurar e de lhe dizer que se modere e não persista voluntariamente nos sofrimentos, pois o que se encoleriza e ganha ódio a quem por amizade lhe dá conselhos não é digno de que por ele se sinta compaixão e indulgência (vv. 1318-1320). Já não é um herói do tipo antigo, de carácter inflexível, que tenha por lei fazer bem ao amigo e mal ao inimigo — e neste aspecto contrasta com Filoctetes. É um modelo de respeito pelos outros, de verdade e de fidelidade à palavra dada. Isento de *hybris* e símbolo de uma nova moralidade, é seu principal atributo a *sophrosyne*. Firme e justo, é ao mesmo tempo indulgente e compreensivo. Não descarta a ajuda ao mais fraco e preza a amizade. O humanismo leva-o

¹ Sobre o tema da amizade no *Filoctetes*, vide J. Ribeiro Ferreira, «O problema educativo», pp. 34-36.

² Na sugestiva expressão de Kitto, *Greek Tragedy*, p. 308: «to fulfil honestly the promise which he had made dishonestly».

a ver em todos, mesmo nos inimigos, criaturas humanas. É este o Neoptólemo que nos aparece na parte final da tragédia.

Em tal amadurecimento e na formação deste novo tipo de herói, a educação terá papel importante? Embora Lesky considere que em Neoptólemo — apesar do seu agir contraditório ao longo da peça — não há uma transformação, mas a vitoriosa afirmação da sua *physis* contra toda a espécie de sedução e de ameaça¹, parece-me que o evoluir da peça nos leva também a reconhecer um papel importante da educação e dos estímulos externos. De facto, apesar das variadas afirmações de que não é próprio da *physis* de Neoptólemo o modo como age ao longo da peça, foi, no entanto, o contacto com a vida e o ensino e exemplo de Filoctetes que formaram o homem novo em que ele se tornou. A *physis*, evidentemente, contribuiu: mas, sem a educação que lhe veio da vida, das palavras e do exemplo de Filoctetes, talvez o maquiavelismo de Ulisses lograsse triunfar².

Um outro aspecto que se encontra corporizado na figura de Neoptólemo e que talvez derive mesmo da realidade da época, profundamente marcada pela guerra do Peloponeso, é o de saber até que ponto um soldado deve seguir as ordens injustas do chefe, as ordens que a sua consciência desaprova³. Deve obedecer, sabendo que são injustas, ou desobedecer, incorrendo, por isso, numa falta militar? É o velho problema da disciplina do exército: na opinião de Ulisses, o soldado, para maior eficiência, deve obedecer cegamente às ordens dos seus chefes. Esse devia ser, com certeza, um problema candente naquela época, como podemos imaginar por uma leitura de Tucídides⁴. No

¹ Em apoio desta opinião viriam o agir inabalável dos heróis de Sófocles e várias afirmações quer de Ulisses (vv. 79-80), quer de Neoptólemo (vv. 902-903), quer de Filoctetes (vv. 1310-1314).

² Sobre a importância da educação no *Filoctetes*, vide J. Ribeiro Ferreira, «O problema educativo», pp. 21-50.

³ Vide P. Mazon-A. Dain, *Sophocle III*, pp. 4-5; G. Ronnet, *Sophocle*, pp. 266-267.

⁴ Problema velho, mas com actualidade constante — ou, se se quiser, cíclica — ao longo dos tempos. A sua premência punha-se, e põe-se, com maior agudeza, sempre que, a pretexto de eficiência, se tenta transmitir ao exército — ou sempre que as circunstâncias exigem — uma disciplina rígida

Filoctetes, Sófocles toma nitidamente partido pela desobediência, pela autonomia da consciência individual e pela transcendência de valores: Neoptólemo, embora tema ser considerado um traidor, se desobedece (vv. 93-94), e apesar de Ulisses lhe lembrar que está sob as suas ordens (v. 53), acaba realmente por desobedece, por considerar injusto e desonroso o plano de que o Cefalénio o incumba.

* * *

Filoctetes, Ulisses e Neoptólemo — três figuras que corporizam altos problemas morais, sociais e educativos. No seu confronto, assistimos à vitória da justiça, quer através da derrota total dos que usam da injustiça, quer através da recompensa dos deuses ao homem que longo tempo a sofreu e que recebe armas para fazer prevalecer a sua vontade contra todas as pressões, venham elas dos homens ou do poder.

que o leve a aceitar as ordens dadas e a elas obedecer de pronto e sem discutir.

Problema agudo posto aos Atenienses, tão ciosos da sua liberdade, deve ter sido a exigência de uma obediência sem discussão às ordens recebidas, sobretudo nos últimos anos da guerra do Peloponeso em que os acontecimentos militares não corriam de feição para Atenas.

PESSOAS DO DRAMA

HERMES

NOPTOLEMA

CAPO

FILOCTETES

TRAJA NA FILIPA DE MERCANTE

BRACILIN

*A casa decorre no Ilha de Frangan que tem a casa de
nada semelhante. Nesse planoforma na fuleta frente
a boca de uma gruta que tem, interior, uma segunda
abertura para a parte interior da ilha.*

PESSOAS DO DRAMA

ULISSES

NEOPTÓLEMO

CORO

FILOCTETES

VIGIA NA FIGURA DE MERCADOR

HÉRACLES

A cena decorre na ilha de Lemnos que nesta peça se supõe desabitada. Breve plataforma na falésia frente à boca de uma gruta que tem, invisível, uma segunda abertura para a parte interior da ilha¹.

ULISSES

Eis a costa da ilha de Lemnos que o mar circunda, jamais pisada ou habitada por mortais. Aqui, Neoptólemo, filho de Aquiles, que foste criado pelo mais valente dos Helenos, aqui, a cumprir ordens dos meus chefes, eu abandonei um dia o Maliense, o filho de Poiante, visto que ele supurava de um pé por uma chaga devoradora². Não podíamos ocupar-nos, em paz, de libações nem de sacrifícios; ele enchia constantemente todo o acampamento com alaridos selvagens e agoirentos, aos gritos e gemidos. 5 10

Mas para que estou a falar nisto? Para nós não é momento oportuno de longos discursos, não vá ele saber da minha chegada e descobrir o plano com que penso agarrá-lo de surpresa. É tua missão executar o que falta. Começa por observar onde há por aí uma caverna com duas entradas, de modo que, no inverno, ofereça uma dupla exposição ao sol e, no verão, permita que a brisa entre pelas duas embocaduras da gruta, a trazer o sono³. Um pouco mais baixo, do lado esquerdo, talvez notes uma fonte de água nascente, se é que ainda existe. Aproxima-te e indica-me em voz baixa se tais indícios se encontram aqui nesta região ou se estão noutra lugar, para então ouvires o que me resta dizer. Vou explicar-te o plano e de ambos nós será a obra. 15 20 25

(Neoptólemo afasta-se e sobe a uma rocha.)

NEOPTÓLEMO

Poderoso Ulisses, fácil é a missão de que me falas; parece-me ver a caverna que referiste.

ULISSES

Do lado de cima ou de baixo? Não a distingo.

NEOPTÓLEMO

Aqui do lado de cima. Mas não há sinal algum de passos.

ULISSES

30 Vê lá que não esteja na gruta a dormir.

(Neoptólemo aproxima-se da porta da gruta.)

NEOPTÓLEMO

Vejo a habitação vazia. Não há viva alma.

ULISSES

E lá dentro não há qualquer sinal a indicar que a caverna é habitada?

NEOPTÓLEMO

Sim, folhagem calcada por alguém que aí passe a noite.

ULISSES

O resto está deserto? Não há mais nada aí dentro?

NEOPTÓLEMO

35 Sim, um copo tosco de madeira, obra de artesão desajeitado; e ainda com que fazer fogo.

ULISSES

São os seus recursos que tu acabas de enumerar.

NEOPTÓLEMO *(de dentro da gruta.)*

Uh! uh! Estão aqui mais uns farrapos a secar, cheios de pus repugnante.

ULISSES

O nosso homem habita estes lugares, sem dúvida, e não 40
está longe daqui. Como pode um homem enfermo, com uma
chaga já antiga num pé, afastar-se muito? Saiu, com certeza,
à procura de alimento ou de plantas, se conhece alguma por 45
estes lugares que lhe apazigue a dor. Por isso, manda este
homem vigiar, para que não caia sobre mim de surpresa; gostará
mais de me agarrar a mim do que a todos os Argivos juntos.

(O marinheiro afasta-se a um sinal de Neoptólemo.)

NEOPTÓLEMO

Ei-lo que parte. O carreiro será guardado. Agora se desejas mais alguma coisa, explica-mo lá em pormenor.

ULISSES

Filho de Aquiles, a missão por que vieste exige que sejas 50
corajoso e não apenas de corpo: mesmo que escutes palavras
estranhas que antes jamais ouviste, deves servir aqueles de quem
és subordinado.

NEOPTÓLEMO

E quais são as tuas ordens?

55 É preciso que iludas com as tuas palavras o espírito de
 Filoctetes. Quando ele te perguntar quem és e donde vens,
 responde que és filho de Aquiles; isso, não o deves ocultar. Mas
 acrescenta que navegas de regresso a casa, depois de abandonar
 a frota dos Aqueus, contra quem concebeste um ódio mortal;
 60 foram eles que, com súplicas, te induziram a partir de casa, por
 ser esse o único meio de conquistar Ílion, e, uma vez chegado,
 não consentiram em dar-te as armas de Aquiles, quando legiti-
 mamente as pedias, mas pelo contrário as entregaram a Ulisses 4.

65 De mim diz o que quiseres, as mais ultrajantes injúrias.
 Nada disso me afligirá; pelo contrário, se não fizeres o que te
 digo, lançarás a desgraça sobre todos os Argivos. De facto,
 se não lhe retirarmos o arco, não podes destruir a terra de
 70 Dárdano 5. Mas por que não posso eu e podes tu ter com ele
 um trato confiante e seguro? Eu explico. Não foi vinculado
 pelo juramento a alguém que te fizeste ao mar, nem constran-
 gido pela necessidade; também não fizeste parte da primeira
 expedição; enquanto eu nada disso posso desmentir 6. Deste
 75 modo, se ele me vê, estando ainda na posse do arco, sou homem
 perdido e a minha companhia levar-te-á também à ruína. Por
 isso mesmo, temos de planear um processo de lhe roubares
 as armas invencíveis. Eu sei, meu filho, que não é da tua natu-
 80 reza falar assim, nem tecer armadilhas. Mas tem coragem,
 porque é agradável alcançar a vitória. Depois disto, se verá
 outra vez a nossa justiça. Agora põe-te ao meu dispor pelo
 curto espaço de um dia, para agires sem escrúpulos; depois,
 85 durante o resto da vida, podem considerar-te o mais honesto
 de todos os mortais.

NEOPTÓLEMO

Por mim, filho de Laertes, as palavras que me custa ouvir,
 detesto também pô-las em prática. Não está na minha natureza
 usar de vis artificios — nem na minha, nem, ao que dizem, na
 90 daquele que me deu o ser. Ao contrário, estou resolvido a

levar o nosso homem pela força e não pela astúcia. Dispondo apenas de um pé, não conseguirá dominar, pela força, tantos de nós.

Sim, é verdade que vim para te ajudar, e receio ser considerado um traidor: contudo prefiro, senhor, falhar, agindo honestamente, a vencer, procedendo como um vilão. 95

ULISSES

Filho de nobre pai, também eu, quando era jovem, tinha a língua preguiçosa e pronto o braço. Hoje, com a experiência, vejo que, entre os mortais, são as palavras e não as acções que conduzem tudo.

NEOPTÓLEMO

Mas que me ordenas tu, senão dizer mentiras?! 100

ULISSES

Ordeno-te que te apoderes de Filoctetes pela astúcia.

NEOPTÓLEMO

E porquê levá-lo pela astúcia e não pela persuasão?

ULISSES

Jamais se deixará persuadir, e pela força não o podes tu capturar.

NEOPTÓLEMO

Tem assim uma tão grande confiança nas suas forças?! 101

ULISSES

105 Dardos infalíveis e que espalham a morte.

NEOPTÓLEMO

Então não é mesmo nada seguro abordá-lo?

ULISSES

Não, a não ser que o agarres pela astúcia, como te aconselho.

NEOPTÓLEMO

E não te parece vergonhoso mentir?

ULISSES

Não, se a mentira nos traz a salvação.

NEOPTÓLEMO

110 Com que cara ousa alguém proclamar tal doutrina?

ULISSES

Quando se age para o nosso interesse, não se deve hesitar.

NEOPTÓLEMO

Mas qual é o meu interesse na sua ida para Tróia?

ULISSES

Apenas o seu arco pode conquistar Tróia.

NEOPTÓLEMO

Então não sou eu que a destruirei, como vós me dissestes?!

ULISSES

Tu não o farás sem ele, nem ele sem ti.

115

NEOPTÓLEMO

Temos, então, de o apanhar, se assim é.

ULISSES

Pois, se assim fizeres, são dois os prémios que ganhas.

NEOPTÓLEMO

Quais? Depois de os conhecer, não me recusarei a agir.

ULISSES

De inteligente e valoroso ao mesmo tempo ganharás a fama.

NEOPTÓLEMO

Seja. Assim farei, pondo de lado qualquer escrúpulo. 120

ULISSES

Lembras-te, certamente, do que te aconselhei?

NEOPTÓLEMO

Está tranquilo, já que té dei a minha palavra.

ULISSES

Tu fica então aqui à sua espera, enquanto eu parto, para
125 que não me veja junto de ti, e mando de novo o vigia para o navio.
Para aqui, se me parecer que demorais muito tempo, outra vez
enviarei este mesmo homem, disfarçado de capitão de navio, para
130 não ser reconhecido. Ele, meu filho, falará artificialmente;
aproveita das suas palavras tudo o que te parecer útil. Eu
regresso ao barco e confio-te esta empresa. Que Hermes, deus
dos estratagemas, nos guie a ambos, bem como Atena Nike, pro-
tectora da cidade, que sempre tem sido a minha salvadora.

(Ulisses sai. Entra o Coro.)

CORO

estrofe

135 Estranho em terra estranha, que devo eu, senhor, que devo
ocultar ou dizer perante esse homem desconfiado?
Diz-mo.
Superiores aos dos outros
são a arte e o pensamento do que rege
140 o divino ceptro de Zeus.
E sobre ti, meu filho, recaí agora
todo o poder dos teus antepassados. Diz-me
no que devo ajudar-te.

NEOPTÓLEMO

Por agora — pois talvez desejes conhecer este lugar afastado 145
em que ele habita — olha-o sem medo. Mas quando o terrível
caminhante, sair desta habitação 7 toma tento a todos os meus
sinais e procura ajudar-me em cada momento.

CORO

antístrofe

É cuidado em que há muito cuidado o que me ordenas, senhor: 150
velar, de olhos abertos, pelo teu interesse acima de tudo.

E agora

indica-me a morada em que reside

e habita e o lugar onde está. Para mim

não é fora de propósito conhecer 155

— não vá ele surgir-me de algures súbito —

qual o seu retiro ou morada, que caminho traz,

se está na gruta ou se encontra fora.

NEOPTÓLEMO (*indicando a gruta.*)

Aqui tens a sua morada de dupla porta e de leito rochoso. 160

CORO (*depois de verificar que a gruta está deserta.*)

Mas o infeliz onde foi?

NEOPTÓLEMO

Quanto a mim, é evidente que se afastou em busca de ali-
mento e se arrasta por aí perto. Pois é voz corrente que o modo
de vida do desgraçado é caçar penosamente os animais selvagens
com as setas voadoras, sem que alguém dele se aproxime para 165
o curar dos males.

CORO

estrofe

- 170 Eu penso nele com piedade, porque
sem ter mortal que o assista,
sem a presença de um rosto amigo,
o infeliz, sempre sozinho,
sofre de cruel doença
e vagueia por todo o lado
175 em busca do que lhe falta. Como pode, como,
resistir o desgraçado?
Ó planos dos mortais ⁸,
ó desventurada raça humana,
quando excede a mediania.

antistrofe

- 180 E este homem que por certo às mais ilustres
famílias nada fica a dever,
privado de tudo na vida,
aqui está, sozinho, longe dos outros,
por companhia as malhadas e hirsutas
185 feras; e grita, a um tempo por dores
e fome torturado e incuráveis
cuidados oprimido,
enquanto o loquaz
Eco que vem dos seus tristes
190 lamentos ressoa ao longe.

NEOPTÓLEMO

- Nada disso me admira. Foi por vontade divina, se o meu
pensar não engana, que o atingiram estes sofrimentos que lhe
causou a implacável Crise ⁹; também os que hoje padece, sem
195 cuidado de ninguém, não os sofre senão por vontade dos deuses,
para que não dispare contra Tróia os seus dardos invencíveis
de origem divina, antes de chegar o tempo em que a cidade,
200 segundo se diz, deve ser por eles vencida.

(Ouvem-se passos arrastados e gemidos.)

CORO

estrofe

Silêncio, meu filho.

NEOPTÓLEMO

Que há?

CORO

Ouve-se um ruído,

o que costuma acompanhar o homem que sofre,
não sei se daqui, não sei se dali.

Atinge-me, atinge-me o som
real de alguém que os passos penosos
arrasta, e não me escapa,
mesmo ao longe, o gemer angustiado
de um homem que sofre. Distinto o escuto.

205

antístrofe

Vá, prepara-te, meu filho.

210

NEOPTÓLEMO

Para quê? diz.

CORO

Para cuidados novos.

Já não está fora de casa o homem, mas aqui dentro.

Não modula o canto da flauta
como o zagal nos campos,
mas solta um grito à distância,
ou porque algures coxeia devido à dor fatal,
ou porque contempla o porto inospitaleiro
aos navios. É um gritar terrível o seu.

215

*(Filoctetes sai da gruta, uns trapos por vestes e o
aspecto selvagem.)*

FILOCTETES

- 220 Oh! estrangeiros, quem sois vós, vós que, a remos, haveis aportado a esta terra sem ancoradouros e desabitada? A que país ou raça devo dizer que pertenceis? Pelo aspecto, as vossas vestes são as da Grécia, as mais queridas para mim. Mas eu
225 quero ouvir a vossa voz.

(Pausa.)

- Não fiquéis temerosos nem espantados, com receio do meu aspecto selvagem; tende compaixão deste desgraçado — aqui só ao abandono, sem amigos, maltratado. Falai, se realmente
230 vindes como amigos. Vá, respondei, que não é justo que não obtenha de vós resposta nem vós de mim.

NEOPTÓLEMO

Pois bem, estrangeiro, antes de tudo fica sabendo que nós somos, na verdade, gregos, já que o desejas saber.

FILOCTETES

- 235 Oh fala tão querida! Oh ouvir ao menos a saudação de um Grego, depois de tanto tempo! Que te fez aportar aqui, meu filho? Que necessidade te trouxe? Que impulso? Que vento entre todos amigo? Diz-me tudo, para que eu saiba quem tu és.

NEOPTÓLEMO

- 240 Eu sou natural de Ciros, que o mar rodeia, e navego para casa. Sou o filho de Aquiles, Neoptólemo. Ficaste a saber tudo.

FILOCTETES

Filho de um pai que muito estimo e de uma terra amiga, ó descendente do velho Licomedes¹⁰, que missão te encaminhou para esta terra? Onde partiste?

NEOPTÓLEMO

De Ílion acabo de chegar agora mesmo.

245

FILOCTETES

Que dizes? Todavia tu não embarcaste connosco, a princípio, na expedição a Tróia?

NEOPTÓLEMO

Então também fizeste parte dessa penosa empresa?

FILOCTETES

Ó filho, tu não me conheces? Não sabes quem tens diante dos olhos?

NEOPTÓLEMO

Como posso conhecer quem nunca vi?

250

FILOCTETES

Então nunca te chegou notícia do meu nome, nem dos males que me destruíam?!

NEOPTÓLEMO

Fica seguro que não sei nada do que me perguntas.

FILOCTETES

Oh! como sou desgraçado, como sou odioso aos deuses!
Do estado em que me encontro, nenhuma notícia chegou ao meu

255

país nem a qualquer região da Hélade. Os que me repeliram
tão criminosamente riem-se de mim em silêncio, enquanto a
260 minha chaga se desenvolve e aumenta. Ó meu filho, que tens
Aquiles por pai, eu sou o homem de quem certamente já ouviste
falar, o que possui as armas de Hércules: sou Filoctetes, o filho de
Poiante, a quem os dois chefes¹¹ e o rei dos Cefalénios¹² sacri-
265 legamente atiraram para esta solidão, consumido por úlcera
voraz, marcado pela mordedura cruel de uma víbora assassina.
Com tal companhia, meu filho, me abandonaram neste deserto,
270 quando, vindos da ilha de Crise, aportaram aqui com a sua
frota. Então, contentes de me verem adormecer na praia, à
sombra de uma rocha, depois de uma viagem no mar agitado,
abandonaram-me e partiram. Como a um mendigo, deixa-
ram-me uns míseros trapos e também algum alimento: bem
275 mesquinho alívio. Que a mesma sorte lhes toque!

E tu, meu filho, podes imaginar qual foi o meu despertar
do sono nesse dia, após a partida deles. Quantas lágrimas
verti, quantos males lamentei? Vi que as naus em que navegava
280 tinham partido todas e não havia homem algum no lugar, nin-
guém que me socorresse e me ajudasse a suportar a dor. Obser-
vei tudo e não encontrei nada senão o desespero presente: e desse
285 muita abundância, filho. Assim, ano após ano, passei o tempo.
Tinha de fazer o serviço sozinho nesta pobre habitação. Ao
estômago este arco me forneceu o necessário, caçando pombas,
290 durante o voo; e depois, aquilo que a flecha disparada abatesse
tinha eu, desgraçado, de o puxar, arrastando o pé doente até
aqui. Se precisava ainda de arranjar de beber, ou de rachar
alguma lenha, quando nos dias de inverno tudo se cobria de
295 neve, triste de mim, a arrastar-me o procurava. Depois, não
tinha lume. Mas esfregando com custo uma pedra contra a
outra, fazia brilhar a chama oculta que sempre me tem valido.
De facto, uma habitação, com a ajuda do lume, fornece-me
tudo ... excepto curar-me deste padecer.

300 Vamos, meu filho, agora vais conhecer também esta ilha.
Dela nenhum navegante se aproxima de bom grado, pois não
possui porto algum, nem há onde se desembarque para trocar
as mercadorias ou se encontrar hospitalidade. Não navegam
305 para cá os mortais que têm bom senso. Pode alguém arribar

aqui, mas não é por sua vontade, o que acontece muitas vezes na longa vida dos homens. Esses, meu filho, quando chegam, mostram-me compaixão nas palavras e, apiedados de mim, dão-me até um pouco de alimento ou alguma roupa. Mas o que ninguém quer fazer, sempre que a tal aludo, é levar-me a salvo para casa. Infeliz de mim, aqui estou a morrer de fome e de sofrimento há já dez anos, alimentando esta chaga que jamais se sacia. Aqui tens o que os Atridas e a violência de Ulisses me fizeram, meu filho. Que os deuses olímpicos lhes dêem uma pena que recompense o meu tormento!

CORO

Creio bem que, à semelhança dos que aqui aportaram, também eu sinto compaixão por ti, filho de Poiante.

NEOPTÓLEMO

Eu mesmo posso dar testemunho dessas tuas palavras. Reconheço-as verdadeiras, por ter experimentado a malvez dos Atridas e a violência de Ulisses.

FILCTETES

Nesse caso também tu tens motivo de queixa contra esses infames Atridas e é por tê-lo experimentado que te exasperas contra eles?

NEOPTÓLEMO

Possa este braço um dia saciar a minha cólera, para que Micenas e Esparta¹³ possam conhecer que Ciro também gera homens valentes.

FILOCTETES

Muito bem, querido filho. Mas que ofensa te veio provocar tão grande cólera contra eles?

NEOPTÓLEMO

330 Filho de Poiante, eu te contarei, embora a custo o faça, as injúrias que, à minha chegada, deles recebi. Quando o destino constrangeu Aquiles a morrer...

FILOCTETES

Ai de mim! Conta-me, não avances, sem que primeiro eu saiba se o filho de Peleu está morto.

NEOPTÓLEMO

335 Sim, morreu, derrubado, não por um homem, mas pelo braço de um deus, segundo dizem — por uma flecha lançada por Febo ¹⁴.

FILOCTETES

Nobre é quem matou, nobre também quem morreu. Mas sinto-me indeciso, meu filho, se deva primeiro investigar da tua desgraça, ou se chorá-lo a ele.

NEOPTÓLEMO

340 Creio, desventurado, que já te bastam os teus sofrimentos, para não chorares as desgraças alheias.

FILOCTETES

Dizes bem. Por isso, conta-me de novo o que te aconteceu: como foram insolentes contigo.

NEOPTÓLEMO

Um dia chegaram junto de mim, numa nau engalanada ¹⁵, o divino Ulisses e o aio de meu pai ¹⁶. Disseram-me — se com verdade ou mentira, não sei — que o meu pai tinha morrido e não seria permitido que nenhum outro tomasse a cidadela, senão eu. Ditas tais palavras, não me retiveram muito tempo sem que eu logo embarcasse. Era sobretudo a ânsia de contemplar o morto antes de ser sepultado ¹⁷, pois nunca o vira; juntava-se depois também a fama gloriosa, se eu chegasse e conquistasse a cidadela de Tróia. Decorria já o segundo dia de viagem, quando, com rota favorável, desembarquei no cruel Sigeu ¹⁸. Mal cheguei, logo todo o exército me rodeou e saudou, jurando que viam de novo com vida Aquiles que já não existia. Ele estava morto, e eu, desventurado, depois de chorar por ele, não tardei em ir, como era natural, junto dos Atridas, meus amigos como seria lógico que fossem, reclamar as armas de meu pai e tudo o resto que lhe pertencera. Deram-me, ai de mim! a mais pérfida das respostas: «Filho de Aquiles, podes tomar tudo o que pertenceu a teu pai, menos as suas armas que já outro as possui agora — o filho de Laertes.» 345
350
355
360
365

Então, lavado em lágrimas, levanto-me bruscamente, com profunda cólera, e de alma dilacerada pela dor lhes respondo: «Miseráveis, então vós, em vez de mas dar a mim, ousastes entregar a outro as armas que me pertencem, sem me perguntarem?!» 370

Clama Ulisses, que se encontrava perto: «Sim, rapaz, eles deram-mas, e com toda a justiça, pois fui eu que as salvei, bem como ao corpo de Aquiles, com a minha presença.»

Encolerizado, logo lhe lancei toda a espécie de injúrias, sem esquecer nenhuma, ao ver que ele me despojava das armas que eram minhas. Ao chegar a este ponto, ele, que não é irascível, ferido pelo que ouvira, replicou-me deste modo: «É que tu não estavas onde nós estávamos, mas longe, onde não devias. Por 375

380 isso, e porque falas com tanta arrogância, jamais navegarás
com elas para Ciro».

Depois de escutar tais palavras e tais afrontas, lancei-me
ao mar, rumo a casa, esbulhado do que era meu, por esse
malvado e filho de malvados, Ulisses. Contudo não o culpo tanto
385 a ele como aos que se encontram no poder, pois uma cidade
e todo o exército dependem de quem governa. Os mortais que
praticam actos injustos, é devido às lições dos mestres que se
tornam perversos ¹⁹.

390 Aí tens toda a história. Quem odiar os Atridas, que seja
tão caro aos deuses como a mim.

CORO

estrofe

Terra montanhosa que tudo alimentas,
e és mãe do próprio Zeus ²⁰,
tu que és senhora do grande Pactolo rico em ouro ²¹,
395 já aí, mãe Augusta, te invoquei,
quando sobre este homem recaiu
toda a insolência dos Atridas,
ao entregarem as armas paternas,
400 a honra suprema, ao filho de Laertes.
Salve, deusa, que tens por assento
leões devoradores de touros!

FILOCTETES

Portadores, ao que parece, de um sinal evidente de dor
semelhante ao meu, navegastes até aqui, ó estrangeiros, e a tal
405 ponto sintonizais comigo que eu reconheço em tudo isso a obra
dos Atridas e de Ulisses. Sei muito bem que esse homem seria
capaz de urdir toda a espécie de calúnias e de astúcias, com
aquela língua que nada de justo leva a cabo. Portanto, não é
410 isso que causa admiração, mas que, estando presente o grande
Ájax, tolerasse ver semelhante acção.

NEOPTÓLEMO

Já não era do número dos vivos, ó estrangeiro. Com ele vivo, nunca eu seria esbulhado das armas.

FILOCTETES

Que dizes?! Então também a esse a morte levou?

NEOPTÓLEMO

É verdade, fica sabendo que já não vê a luz do dia ²². 415

FILOCTETES

Ai, desgraçado de mim! Mas não o filho de Tideu ²³, nem o de Sísifo que foi vendido a Laertes ²⁴; esses não morreram, não. E eles é que não deviam viver.

NEOPTÓLEMO

Não, de facto. Disso podes ficar certo. Pelo contrário, bem florescentes estão agora no exército dos Argivos. 420

FILOCTETES

Quê?! E não existe o velho e valente Nestor de Pilos, o meu amigo? Pois esse, com seus sábios conselhos, costumava refrear os desmandos deles.

NEOPTÓLEMO

Sim, mas ele agora vive na aflição, porque perdeu Antíloco, ⁴²⁵ o filho que tinha.

FILOCTETES

Ai! Mencionaste mais dois homens de quem nunca quisera ouvir que estavam mortos²⁵. Ai! ai! E que devemos nós pensar, quando sabemos que eles morreram e, ao contrário,
430 Ulisses vive ainda, quando devia estar morto, em vez deles?

NEOPTÓLEMO

Esse é um lutador arguto. Mas também as mentes argutas²⁶, Filoctetes, muitas vezes se enleiam.

FILOCTETES

Vá, diz-me, pelos deuses, onde tinhas tu então Pátroclo, que era o maior amigo de teu pai?

NEOPTÓLEMO

435 Também esse estava morto. Em duas palavras to explicarei: a guerra nunca escolhe, por si, um malvado, mas sempre os homens de bem.

FILOCTETES

440 De acordo. Por isso mesmo te pergunto agora por um indivíduo infame, mas de língua temível e hábil. Onde está ele agora?

NEOPTÓLEMO

De quem podes tu estar a falar, senão de Ulisses?

FILOCTETES

Não é desse que falo, mas de um tal Tersites que nunca se contentava com falar uma só vez, mesmo quando ninguém lho consentia. Sabes se ele ainda vive?

NEOPTÓLEMO

Não o vi, mas ouvi dizer que vive ainda.

445

FILOCTETES

Tinha de ser. Nenhum malvado pereceu. A esses rodeiam-nos de todos os cuidados os deuses e até sentem satisfação em trazer do Hades o que há de velhaco e matreiro²⁷; ao contrário, enviam para lá quanto é justo e virtuoso. Como se não-entender tais coisas? E como aplaudi-las, se quando quero louvar as acções divinas, descubro que os deuses são maus?

450

NEOPTÓLEMO

Eu, ó filho do rei de Eta²⁸, no futuro guardar-me-ei bem de Ílion e dos Atridas, olhando-os de longe. Onde o vil tem mais força do que o homem honesto, o mérito se enfraquece e triunfa o covarde... gente dessa nunca a estimarei. Basta-me a rochosa Ciro no futuro, para viver feliz em minha casa. Agora vou para o barco. A ti, filho de Poiante, adeus! Do fundo do coração, adeus! E que os deuses te libertem do mal, como tu desejas. Nós vamo-nos, para, logo que um deus nos permita navegar, nesse momento estarmos prontos a partir.

455

460

465

(Neoptólemo faz menção de partir.)

FILOCTETES

Já, filho!? Já vos ides?

NEOPTÓLEMO

A ocasião convida a considerar o embarque não como coisa afastada, mas próxima.

FILOCTETES

Em nome de teu pai, em nome de tua mãe, filho, por tudo
470 quanto tenhas de mais querido em casa, te peço, suplico-te que não
me deixes aqui só, desamparado no meio de inúmeros males que
vês e que me cercam, tal como ouviste. Ao menos, conta-me
475 como um trabalho a mais. Repugnante, bem o sei, e muito,
é semelhante carregamento. Mas, mesmo assim, aguenta-o.
Para as almas nobres, a infâmia é odiosa e a boa acção glória.

Se descuidares esse preceito, adquires uma fama pouco
honrosa; se o observares, meu rapaz, e se eu chegar vivo ao meu
país do Eta, granjeias como prémio uma glória imensa.

480 Vá, que não será sequer trabalho de um dia inteiro.
Suporta-o. Desde que me leves, lança-me onde quiseres: na
sentina, na proa, na popa — onde menos possa molestar os teus
companheiros. Concede-mo, em nome do próprio Zeus, que
485 protege os suplicantes. Meu filho, cede. Mesmo sem poder,
desgraçado e coxo, como sou, rojo-me aos teus pés.

(Filoctetes lança-se com custo aos pés de Neoptólemo.)

Vá, não me abandones neste deserto, longe de qualquer
contacto humano. Salva-me e leva-me para tua casa ou para
490 a corte de Calcodonte da Eubeia²⁹. Dali não me será longa
a viagem para o Eta e os cumes de Tráquis, ou para as correntes
do Esperquio³⁰. Desse modo me apresentarás ante meu pai
querido que, após tão longo tempo, bem receio que já me tenha
495 morrido. Quantas vezes lhe enviei, pelos que aqui aportavam,
os meus pedidos suplicantes, para que me mandasse barcos seus
e me levasse salvo para casa. Mas ou ele morreu, ou os mensa-
geiros — o que é natural, penso eu — tiveram em pouca conta
o meu caso e sentiram pressa de chegar a casa.

500 Agora, porém, entrego-me a ti, para que sejas o meu guia
e mensageiro ao mesmo tempo. Salva-me, tem compaixão de

mim, e repara que tudo são temores e perigos para os mortais, tanto na boa como na má fortuna. Quem está livre de desgraças, tem obrigação de estar atento à desventura. Quem vive feliz, tanto mais deve estar vigilante, não vá cair na ruína, sem de tal se aperceber. 505

CORO

antístrofe

Tem compaixão, senhor. Ele revela-nos as muitas e duras penas que teve de suportar. 510
Desgraças tais, não as experimente nunca nenhum dos meus amigos. E se tu, senhor, detestas os cruéis Atridas, eu, ao menos, a maldade daqueles em lucro para este volvia, e para onde deseja em uma bem equipada e rápida nau o levaria, 515
a casa, para escaparmos à ira dos deuses.

NEOPTÓLEMO

Toma cuidado. Temo que sejas agora pessoa generosa em demasia, mas, quando te saturares com a companhia do seu mal, então já te não mostres coerente com semelhantes palavras. 520

CORO

De modo nenhum. Nunca terás motivos para justamente me lançar em rosto essa injúria.

NEOPTÓLEMO

É vergonhoso para mim mostrar-me menos disposto do que tu a socorrer este estrangeiro, quando a ocasião urge. Vá, se 525

assim o queres, partamos. Prepara-te depressa, que a nau te levará sem o recusar. Permitam-nos apenas os deuses sair salvos desta terra e navegar daqui para onde queremos.

FILOCTETES

530 Ó dia venturoso! Ó homem tão amável! Queridos marinheiros, como posso manifestar-vos com actos a amizade que criastes em mim?

Vamos, filho. Mas não sem primeiro saudarmos esta inóspita mansão. Quero que fiques também a conhecer os meios de que vivi e como aguntei de ânimo forte. Creio que nenhum
535 outro, ao olhar semelhante espectáculo, teria suportado uma tal vida... a não ser eu, que, por necessidade, aprendi a suportar as desgraças.

(Filoctetes e Neoptólemo dirigem-se para a gruta.)

CORO

Esperai. Vejamos o que há de novo. Aproximam-se
540 dois homens, um é marinheiro da tua nau e o outro é um estranho. Escutai as suas palavras e depois entrareis.

(Entra um marinheiro disfarçado de Mercador, acompanhado de outro marinheiro.)

MERCADOR

Filho de Aquiles, fui eu que convidei este teu companheiro, que estava de guarda à tua nau com mais outros dois, a dizer-me
545 onde poderia encontrar-te. Inesperadamente o encontrei, ao aportar por acaso às mesmas praias que tu. Sou dono de um barco de pequena equipagem, e navego de Ílion para o meu país,
550 Pepareto ³¹ rica em vinhas. Soube pelos marinheiros que todos eles navegavam contigo. Achei conveniente não me calar, e não segui viagem, sem antes te falar, já que tivemos sorte igual ³².



Tu provavelmente nada sabes do que se passa a teu respeito, nem das novas resoluções que sobre ti tomaram os Argivos. Não resoluções apenas, mas obras a executar sem demora. 555

NEOPTÓLEMO

Pela tua solicitude, estrangeiro, terás para sempre a minha amizade, se não sou um perverso. Conta-me então o que sabes, para que conheça a nova deliberação que me trazes dos Argivos. 560

MERCADOR

Partiram em tua perseguição, com uma frota, o velho Fénix e os filhos de Teseu³³.

NEOPTÓLEMO

Para me levarem à força ou para me convencerem por palavras a regressar?

MERCADOR

Não sei, ouvi dizer. E aqui estou a dar-te a notícia.

NEOPTÓLEMO

E a tal empresa Fénix e os seus companheiros se devotaram com tanto zelo por amor aos Atridas? 565

MERCADOR

É empresa em marcha, fica certo, e não um plano apenas.

NEOPTÓLEMO

E porque é que Ulisses se não decidiu a embarcar nesta empresa, para dar ele próprio a notícia? Foi acaso o medo que o conteve?

MERCADOR

570 Esse e o filho de Tideu preparavam-se para partir em busca de outro homem, quando eu me fazia à vela.

NEOPTÓLEMO

E quem é essoutro, para que o próprio Ulisses embarcasse em pessoa?!

MERCADOR

É um tal...

(Baixo a Neoptólemo.)

Mas quem é este, senhor? Diz-me primeiro quem ele é. E o que me disseres não o digas em voz alta.

NEOPTÓLEMO *(em voz alta.)*

575 Tens na tua frente o ilustre Filoctetes, estrangeiro...

MERCADOR *(que continua a falar em voz baixa a Neoptólemo e olha de lado para Filoctetes.)*

Não me faças agora mais perguntas, mas quanto antes pega em ti e afasta-te deste lugar.

FILOCTETES

Que diz ele, filho? Que negócio concerta contigo, na sombra, a meu respeito, o marinheiro?

NEOPTÓLEMO (*alto.*)

Não percebi ainda o que disse. Tem de dizer abertamente 580
o que tem a dizer, diante de ti, de mim e destes todos.

MERCADOR

Ó filho de Aquiles, não me denunciés ao exército, se refiro
coisas que não devo. Em troca dos serviços que lhe presto,
recebo dele muitos favores. Não passo de um homem pobre...

NEOPTÓLEMO

Eu sou inimigo dos Atridas e este é para mim um grande 585
amigo, porque os odeia também. Tu não deves, pois, se até
mim vieste com intenções amigas, ocultar-nos nenhuma das
palavras que ouviste.

MERCADOR

Vê lá o que fazes, filho...

NEOPTÓLEMO

Há muito que penso nisso.

MERCADOR

Serás o responsável de tudo. 590

NEOPTOLEMO

Desde que fales...

MERCADOR

Então eu falo. Em busca deste homem embarcaram os dois que referi, o filho de Tideu e o poderoso Ulisses, depois de terem jurado levá-lo de qualquer maneira: convencendo-o
595 pela palavra ou pelo poder da força. Este juramento todos os Aqueus ouviram Ulisses claramente proclamá-lo. Ele, mais do que o companheiro, tinha a resolução de levar a termo a empresa.

NEOPTÓLEMO

Por que motivo os Atridas, só depois de tanto tempo, puseram
600 os olhos neste homem, que eles há muito abandonaram? Que saudade os assaltou? Acaso o poder dos deuses e a vingança com que castigam as acções criminosas?

MERCADOR

Eu vou explicar-te tudo, já que, sem dúvida, o não ouviste
605 ainda. Havia um adivinho ilustre, o filho de Príamo, que tinha o nome de Heleno³⁴. Uma noite em que saiu só, foi apanhado pelos ardis de Ulisses, o indivíduo de que se dizem todas as vergonhas e infâmias. Algemado o trouxe e apresentou-o diante
610 dos Aqueus: uma bela caça! Este, além de muitas outras profecias, revelou-lhes também que a cidadela de Tróia nunca poderia ser destruída, se pela persuasão não levassem este homem da ilha em que agora habita. Assim que o filho de Laertes ouviu
615 estas palavras do adivinho, imediatamente prometeu vir buscar o homem e apresentá-lo aos Aqueus. Pensava levá-lo de livre vontade, mas, se não quisesse, mesmo à força. Se tal não conseguisse, permitiria mesmo a quem o desejasse que lhe cortasse
620 a cabeça. Já sabes tudo, filho. A andar depressa te aconselho, tu e todos os que te interessem.

FILOCTETES

Ai, infeliz de mim! Então esse homem, que é a maldade em pessoa, jurou convencer-me e levar-me aos Aqueus?! Seria mais fácil persuadir-me a voltar, depois de morto, do Hades à luz do dia, como fez o pai dele ³⁵.

625

MERCADOR

Eu disse não entendo nada. Agora vou para a nau e que um deus vos socorra da melhor maneira.

(Parte com o marinheiro.)

FILOCTETES

Pois não é terrível, filho, que Ulisses tenha esperanças de me levar a embarcar na sua nau e de me apresentar no meio dos Argivos, graças às suas palavras melífluas? Não. Preferia ouvir o meu maior inimigo, a víbora que me tornou neste inválido. Mas esse homem é capaz de tudo dizer e de a tudo se atrever. Por isso estou certo que agora vem aí. Portanto, partamos, meu filho, para que o vasto mar nos separe da nau de Ulisses. Partamos, que uma pressa oportuna nos granjeia, passado o apuro, sono e repouso.

630

635

NEOPTÓLEMO

Pois sim. Apenas o vento, que agora sopra de proa, amaine, logo desfaldaremos as velas. Agora, porém, sopra contrário ³⁶.

640

FILOCTETES

O vento é sempre bom, quando se foge à desgraça.

NEOPTÓLEMO

Não, que também para eles os ventos são contrários.

FILOCTETES

Para os piratas, não há vento que seja contrário, sempre que se trata de roubar ou pilhar à mão armada.

NEOPTÓLEMO

645 Partamos então, se queres. Retira aí de dentro aquilo de que mais necessitas e o que mais desejas ter.

FILOCTETES

Sim, há algo de que preciso, apesar de não ter muitas coisas.

NEOPTÓLEMO

Mas o quê, que não tenhas na minha nau?

FILOCTETES

650 Tenho ali umas folhas com que melhor adormento esta dor, a ponto de a acalmar de todo.

NEOPTÓLEMO

Trá-las então. E que mais desejas retirar ainda?

FILOCTETES

Ver se me ficou esquecido algum dardo. Não quero que ninguém se aposses deles.

NEOPTÓLEMO

Então o arco famoso é esse que tens aí?

FILOCTETES

Sim, é este e não outro. Este que tenho na minha mão. 655

NEOPTÓLEMO

É-me permitido contemplá-lo de perto, tomá-lo nas mãos e adorá-lo como a um deus?

FILOCTETES

A ti, sim, meu filho. É-te permitido quanto a ele e quanto a qualquer outro dos meus haveres que te interesse.

NEOPTÓLEMO

Sim, desejo-o, sem dúvida, mas sob esta condição: se me é permitido, quereria satisfazer esse desejo; se não é, deixa estar. 660

FILOCTETES

Sagradas são as palavras que dizes. É-te permitido, meu filho, a ti, única pessoa que me concedeste contemplar a luz do Sol e rever o meu país junto do Eta, o meu idoso pai, os meus amigos; tu que dos meus inimigos me livraste, quando estava sob o seu jugo. Fica descansado, a ti é permitido tocar-lhe, para o devolveres depois a quem to deu, e gloriar-te de teres sido o único dentre os mortais que, em paga do seu mérito, lhe tocou. Foi em recompensa de um benefício que também eu o ganhei. 665
670

NEOPTÓLEMO

Não me desagrada nada ter-te encontrado e ter feito de ti um amigo. Quem sabe retribuir os favores que recebe é um amigo mais valioso que todas as riquezas. Entra, peço-te.

FILOCTETES

675 Sim, e tu comigo, pois o meu mal requer o teu amparo.

(*Filoctetes e Neoptólemo entram na gruta.*)

CORO

estrofe

Ouvi contar, mas não o presenciei,
como ao que se abeirou um dia do leito de Zeus,
a uma roda sempre a girar o amarrou
o todo poderoso filho de Cronos ³⁷.

680 De nenhum outro mortal
eu sei, nem de outiva, nem por o ter visto,
de homem que tenha encontrado sorte mais adversa do que este,
ele que, sem prejudicar nem lesar ninguém,
leal para quem o trata bem

685 parece aqui tão injustamente.
A mim, pelo menos, me espanta
como, ouvindo nesta solidão
apenas o marulho das ondas ao seu redor,
uma tão dolorosa

690 vida pôde aguentar.

antístrofe

Aí ele era vizinho de si mesmo, sem poder andar,
sem ter alguém ao lado da sua desgraça,
junto de quem encontrassem eco os gemidos
695 pela chaga sangrenta que o devorava.
Se alguma crise surgisse, não havia quem
o cálido fluxo de sangue que jorrava da ferida infectada
do pé lhe pudesse aplacar,
com ervas calmantes,

700 colhidas da terra fecunda.

Era ele que rastejava por aqui e por ali,
arrastando-se
qual um menino abandonado da ama,

até lugares onde encontrasse remédio
para a sua dor, enquanto adormecida
a roaz tortura. 705

estrofe

Não recolhia para seu sustento os frutos da terra sagrada
nem outros de que nos nutrimos, nós, os que comemos pão,
a não ser quando o arco certo
de aladas flechas caçasse algum alimento para a boca. 710

Oh! triste vida
a do homem que de vinho
não provou o gosto ao longo de dez anos,
e, se água estagnada avistasse, era dela 715
que sempre tentava acercar-se.

antístrofe

Mas eis que encontrou um filho de varões ilustres
e, depois de tantos males, acabará feliz e grande. 720

*(Filoctetes aparece novamente à boca da gruta,
apoiado a Neoptólemo. Arrasta-se penosamente.)*

Uma nau que sulca os mares, no termo
de longos meses, leva-o à terra de seus pais, à morada
das malíades Ninfas 725
e às margens de Esperquio,
onde o herói de brônzeo escudo para junto dos deuses
subiu por entre o brilho do fogo divino,
nas alturas do Eta ³⁸.

*(Filoctetes, siderado pela dor da crise que se
aproxima, pára de repente.)*

NEOPTÓLEMO

Caminha, por favor. 730

(Pausa)

Quê? Porque ficas assim calado tão sem motivo, e estás
assim atónito?

FILOCTETES

Ai! ai! ai! ai!

NEOPTÓLEMO

Que tens?!

FILOCTETES

Nada de grave. Vá, meu filho, caminha.

NEOPTÓLEMO

São acaso as dores da doença habitual?

FILOCTETES

735 Não, nada. Eu... parece que já está a aliviar... Oh! deuses!

NEOPTÓLEMO

Porque invocas os deuses em semelhantes gritos?!

FILOCTETES

Para que venham até nós, protectores e clementes... Ai!
ai! ai! ai!

NEOPTÓLEMO

740 De que sofres?

(Pausa.)

Porque não dizes e ficas tão silencioso? Tens ar de quem sofre.

FILOCTETES

Estou perdido, meu filho, e não posso ocultar-vos o meu mal. Ah! ah! ai! Já me trespassa, já me trespassa... Desventurado, infeliz de mim! Estou perdido, meu filho. Já me devora, filho. Ai! ai!... Ah! ah! ah! ai!... Ui! ui! ui!... Ah! ah! ai! Pelos deuses te peço, empunha uma espada, meu filho, se a tens à mão, e descarrega sobre este pé; corta-o de uma vez. Não poupes a minha vida. Vá, meu filho.

NEOPTÓLEMO

Que mais te aconteceu, tão de súbito, que tais gritos e gemidos te arranca?

FILOCTETES

Tu sabes, meu filho...

NEOPTÓLEMO

O quê?

FILOCTETES

Tu já sabes, meu rapaz...

NEOPTÓLEMO

Que posso fazer por ti? Eu nada sei.

FILOCTETES

Como?! Não sabes? Ah! ah! ah! ah! ai!

NEOPTÓLEMO

755 Sim, é o terrível acesso do teu mal, parece.

FILOCTETES

Sim, terrível. Não há palavras para o narrar. Tem compaixão de mim.

NEOPTÓLEMO

Que devo fazer?

FILOCTETES

Não tenhas medo, nem me atraíções. Este mal vem-me de tempos a tempos... talvez quando se cansa de vaguear por outros lados.

NEOPTÓLEMO

760 Ah! ah! como és desventurado! Sim, desventurado, que bem o mostras em tantos sofrimentos. Queres que eu te ampare e te sustenha?

(Neoptólemo vai a deitar-lhe a mão.)

FILOCTETES

Não, isso não. Toma este arco, como me pedias há pouco.
765 Guarda-o e vela por ele, até que se acalme esta crise que, de súbito, me sobreveio. Costuma apoderar-se de mim o sono, logo que a dor passe. Antes dele não pode cessar. Por isso, é preciso deixar-me dormir tranquilo. Se, durante esse tempo,
770 eles chegarem, pelos deuses te peço que nem a bem nem a mal, nem por qualquer dolo, lhes entregues estas armas. Não causes ao mesmo tempo a tua e a minha morte: eu sou teu suplicante.

NEOPTÓLEMO

Fica descansado, quanto aos meus desígnios. Elas não cairão senão nas tuas e nas minhas mãos. Entrega-mas e em boa hora. 775

FILOCTETES

Ei-las. Toma-as, filho, mas conjura com súplicas o ressentimento dos deuses, a fim de não serem para ti fonte de desgraças, como foram para mim e para quem as possuiu antes de mim ³⁹.

(Neoptólemo recebe as armas de Filoctetes.)

NEOPTÓLEMO

Ó deuses, concedei-nos a ambos estes votos. Concedei-nos também que uma travessia propícia e rápida nos conduza aonde a divindade decreta e a viagem nos leva. 780

FILOCTETES

Receio bem, filho, que a prece fique sem resposta. Já me goteja este sangue negro que mana do fundo da chaga e o pior ainda está para vir. Ah! ah! ai de mim! Ah! ai! ó meu pé, que transe me fazes sofrer!... Ele rasteja. Aproxima-se. Ei-lo aqui perto. Ai! ai! triste de mim! Já sabeis como é. Não fujais, custe o que custar. Ah! ah! ai! Homem de Cefalénia, oxalá te trespassasse o peito de lado a lado esta dor. Ai! ai de mim! ai! ai de mim outra vez! E vós, os dois chefes do exército, tu, Agamémnon, e tu, Menelau, porque não haveis vós de nutrir em vez de mim uma tal chaga por igual tempo? Ai de mim! Ai! Morte, ó Morte que eu chamo sem cessar dia após dia, não podes vir enfim por uma vez? Filho, nobre coração, vá, agarra-me e queima-me neste fogo de Lemnos ⁴⁰ que invoco, meu nobre amigo. Foi o que eu pró-

785
790
795
800

prio um dia julguei dever fazer ao filho de Zeus, em troca dessas armas que agora guardas.

(Pausa.)

805 Que dizes, meu filho? Que dizes? Porque te calas?...
Por onde divagas, filho?

NEOPTÓLEMO

Há muito, que sofro e gemo sobre os males que te oprimem.

FILOCTETES

Vá, filho, tem confiança. Esta crise bruscamente me vem e rápida se afasta. O que te suplico é que não me deixes só.

NEOPTÓLEMO

810 Fica descansado, nós ficaremos.

FILOCTETES

Ficas, de verdade?

NEOPTÓLEMO

Está seguro disso.

FILOCTETES

Não pretendo ligar-te a um juramento, meu filho...

NEOPTÓLEMO

Sim, porque não me é permitido partir sem ti.

FILOCTETES

Dá-me a tua mão como penhor de tal.

NEOPTÓLEMO

Ei-la. Prometo ficar.

FILOCTETES *(que começa a delirar, olha insistentemente para o céu.)*

Para lá agora, para lá me...

NEOPTÓLEMO

Para onde dizes tu?

FILOCTETES

Lá cima...

NEOPTÓLEMO

Que novo delírio te assalta? Porque olhas as alturas do céu? 815

FILOCTETES

Deixa-me, deixa-me ir.

NEOPTÓLEMO

Para onde?

FILOCTETES

Deixa-me partir, por uma vez.

NEOPTÓLEMO

Não, asseguro-te, não te deixarei.

FILOCTETES

Matas-me, se continuas a deter-me.

NEOPTÓLEMO

Bem, eu deixo-te, se estás um pouco mais sensato.

FILOCTETES

820 Ó Terra, acolhe-me, nesta agonia em que estou. Este mal já não me deixa ter de pé.

(Filoctetes cai por terra.)

NEOPTÓLEMO

Não demora muito que o sono se apodere do nosso homem. A cabeça já se lhe inclina. O suor inunda-lhe todo o corpo e jorra-lhe da ponta do pé um fluxo negro de sangue. Deixemo-lo
825 em paz, amigos, para que tombe no sono.

CORO

estrofe

Sono, ó sono que ignoras penas e dores,
a nossos rogos num sopro suave
vem, portador de uma vida feliz, ó senhor.
830 Conserva sobre os seus olhos
esta serenidade agora sobre eles derramada.
Vem, vem até mim, tu que suavizas as dores ⁴¹.

(Muda bruscamente de entoação e dirige-se a Neoptólemo.)

E tu, meu filho, pensa onde hás-de estar,
para onde partir e qual deve ser agora
o meu cuidado. Vês? Ele dorme. 835
Porque tardamos em agir?
A ocasião que decide tudo
grande vitória de súbito alcança.

NEOPTÓLEMO (*em tom solene.*)

É certo que ele não ouve nada, mas eu vejo que apresámos
em vão as armas, se embarcarmos sem este homem. 840
Dele é a coroa, foi a ele que um deus ordenou que levássemos.
Gloriar-se de um desaire escorado na mentira é vergonha e infâmia.

CORO

antistrofe

A isso, filho, um deus proverá.
Quando me responderes
de novo, leve, leve, meu filho, 845
me envia a voz das tuas palavras.
Em todos os enfermos, vÍgil
e insone é o sono: sabe prescrutar.
O mais que possas
pondera-me, pondera tudo bem: 850
como vais agir, sem que ele se aperceba.
Sabes bem ao que me refiro.
Se a seu respeito manténs esse desÍgnio,
quem tiver senso bem pode antever males sem conta.

epodo

Favorável, filho, favorável nos é o vento 855
e o nosso homem de olhos fechados e sem auxílio
jaz numa escuridão de noite...
PropÍcio é o sono da hora da sesta ... ⁴²
Não domina as mãos nem os pés, nada, 860



como quem jaz no seio do Hades.
Reflecte e vê se dizes o que ao momento
convém. Tanto quanto alcança
o meu pensar, filho, a empresa
sem perigo é a melhor.

*(Filoctetes mexe-se e desperta, abre os olhos,
ergue a cabeça.)*

NEOPTÓLEMO

865 Silêncio, peço-te, e não digas desatinos. O nosso homem
abre os olhos e levanta a cabeça.

FILOCTETES

Ó luz que sucedes ao sono! Ó companhia destes amigos
em que a minha esperança não acreditava! Eu nunca acreditei,
870 meu filho, que tu suportasses com tanta compaixão as minhas
misérias e ficasses aqui para me prestar auxílio. Não aguentaram
nem suportaram com essa paciência os Atridas, ilustres generais.
Tu, porém, tens uma natureza nobre e de nobre família des-
875 cendes, meu filho, e tudo tens em pouca conta, mesmo agravado
pelos meus gritos e pelo odor nauseante. Agora, visto que no
meu mal parece haver um alívio e uma pausa, tu, meu filho,
880 ergue-me. Põe-me de pé, filho, para que, quando a dor enfim
me deixar, embarquemos na nau e não retardemos a partida.

NEOPTÓLEMO

Alegra-me ver-te, contra toda a minha esperança, livre das
dores, de olhos abertos e a respirar ainda, quando na crise de
885 há pouco os teus sintomas eram os de quem não vivia. Agora
levanta-te tu mesmo, ou, se preferes, estes levam-te. Não hesi-
tam perante fadigas, desde que lhes pareça que desse modo agem
para teu e meu agrado.

FILOCTETES

Agradeço-te, meu filho, mas ergue-me tu, como pensas fazer. Esses deixa-os, para não se enojarem com o mau cheiro, antes do tempo. Viver comigo no barco já será para eles sofrimento bastante. 890

NEOPTÓLEMO

Seja assim. Levanta-te então e apoia-te a mim.

FILOCTETES

Fica descansado. Uma longa prática me ajudará a ter de pé.

(Dão alguns passos. Bruscamente Neoptólemo estaca.)

NEOPTÓLEMO

Ai de mim! Que devo fazer agora? 895

FILOCTETES

O que é, meu filho? Aonde queres chegar com essas palavras?

NEOPTÓLEMO

Não sei para onde voltar as minhas palavras, neste embaraço em que estou.

FILOCTETES

Em embaraço, tu?! Não digas isso, filho.

NEOPTÓLEMO

E todavia, neste momento, esse é o meu estado de espírito.

FILOCTETES

900 Será que a repugnância da minha enfermidade te leva a já não queres levar-me no barco?

NEOPTÓLEMO

Tudo é repugnância, quando alguém, traindo a sua natureza, adopta um procedimento que lhe não convém.

FILOCTETES

905 Mas tu nada fazes, nem dizes, que não seja digno do proceder de teu pai, ao ajudares um homem honrado.

NEOPTÓLEMO

Vou revelar-me um infame. Eis o que me atormenta há muito.

FILOCTETES

Nos teus actos, nunca. Nas tuas palavras, duvido.

NEOPTÓLEMO

Ó Zeus, que hei-de fazer? Pela segunda vez me vou mostrar perverso, ao ocultar o que não devo e ao proferir palavras tão vergonhosas.

FILOCTETES

Este homem, se não estou demente, prepara-se para embarcar, depois de me trair e de me abandonar. 910

NEOPTÓLEMO

Abandonar-te, eu? Não, mas antes levar-te de modo a causar-te sofrimentos. Eis o que me tortura desde há muito.

FILOCTETES

Que estás a dizer, meu filho? Não entendo.

NEOPTÓLEMO

Não te ocultarei nada. É forçoso que partas para Tróia, a juntar-te aos Aqueus e à armada dos Atridas. 915

FILOCTETES

Ai de mim! Que disseste?

NEOPTÓLEMO

Não te lamentes, sem primeiro te informares.

FILOCTETES

Informar de quê? Que pensas tu fazer de mim?

NEOPTÓLEMO

Libertar-te, primeiro, deste mal e, depois, ir contigo devastar os campos de Tróia. 920

FILOCTETES

É isso, na verdade, o que pensas fazer?

NEOPTÓLEMO

Uma necessidade todo-poderosa no-lo impõe. E tu não te agastes de o ouvir.

FILOCTETES

Estou perdido. Triste de mim! Fui traído. Que fizeste de mim, estrangeiro? Restitui-me o arco imediatamente.

NEOPTÓLEMO

925 Não é possível. A justiça e o interesse exigem que obedeça aos que detêm o poder.

FILOCTETES

930 Fogueira maldita! Monstro execrável e odioso instrumento de horrível perfídia! O que tu me fizeste! Como me enganaste! Não tens vergonha de me olhar, a mim que confiei no teu socorro e sou teu suplicante?! Miserável! Tiraste-me a vida, ao roubar-me o arco. Restitui-mo, peço-te, restitui-mo. Suplico-te, filho, pelos deuses de teus pais, não me tires a vida...

(Pausa.)

935 Ai triste de mim! Já nem sequer me responde. Desvia de mim os olhos, como quem diz que não mo entrega mais.

940 Ó portos, ó promontórios, ó companhia das feras das montanhas, ó rochas escarpadas, a vós dirijo estes meus lamentos, a vós que a eles sois acostumados, que não sei de outrem a quem os diga. Dir-vos-ei o que me fez o filho de Aquiles: prometeu conduzir-me a casa, e leva-me para Tróia. Depois de me apertar

a mão em penhor de fé, apodera-se do meu arco sagrado que pertencia a Hércules, filho de Zeus, e retém-no. Quer mostrá-lo perante os Argivos. Como se tivesse capturado um homem vigoroso, arrasta-me à força, e não vê que mata um cadáver, uma sombra de fumo, um fantasma. Se eu fosse um homem válido, nunca se teria assenhoreado de mim, nem mesmo no estado em que estou, se não o fizesse pela astúcia. Fui ludibriado, triste de mim! Que devo fazer?... Devolve-me o arco. Vá, ao menos agora, volta a ser quem eras... Que dizes? 945 950

(*Pausa.*)

Calas-te... Já não sou nada, pobre de mim!

Ó gruta rochosa de dupla entrada, eis que de novo retorno para ti, sem defesa e privado de alimento. Nesta câmara me vou definhando, só, sem poder caçar as aves aladas e as feras das montanhas com o meu arco. Para minha infelicidade, eu é que vou servir de pasto, depois de morto, aos que antes me alimentavam. Os que eu caçava antigamente me caçarão agora. Pagarei com a morte as suas mortes. Pobre de mim! E tudo por causa de alguém, que parece desconhecer tudo o que é maldade. 955 960

Maldito sejas!... Ainda não. Antes, quero ver se ainda mudas de propósito. Se não, que te caiba uma morte miserável!

CORO (*a Neoptólemo.*)

Que devemos fazer? De ti, senhor, depende o embarcarmos já ou ceder aos rogos deste homem.

NEOPTÓLEMO

De mim?! Uma profunda compaixão por ele me invadiu. Não apenas agora, mas já há muito tempo.

FILCTETES

Tem piedade, meu filho. Pelos deuses te peço. Não queiras, perante os homens, incorrer na censura de ser o meu raptor.

NEOPTÓLEMO

Ai de mim! Que hei-de fazer? Nunca eu tivesse deixado
970 Ciro, tanto me pesa esta situação.

FILOCTETES

Tu não és mau. Malvados te instruíram e é deles que me parece vir a infâmia. Então devolve aos outros o que lhes pertence e parte, mas entrega-me as minhas armas.

NEOPTÓLEMO

Que havemos de fazer, companheiros?

(Entra inopinadamente Ulisses. Acompanham-no dois marinheiros. Dirige-se a Neoptólemo.)

ULISSES

975 Ó escória dos homens, que estás a fazer? Passa-me esse arco e vai-te daqui.

FILOCTETES

Oh desgraça! Quem é este homem? Não é a voz de Ulisses?!

ULISSES

De Ulisses, sim, fica a saber. É Ulisses em pessoa que vês diante de ti.

FILOCTETES

Ai de mim! Fui traído e estou perdido. Aqui está quem me agarrou e me roubou as armas.

ULISSES

Fui eu, fica certo disso, e não outro, confesso-o. 980

FILOCTETES (*a Neoptólemo.*)

Restitui-me, passa-me o arco, filho.

ULISSES

Isso nunca ele fará, mesmo que o deseje. Tu é que deves partir com as armas, ou estes homens te levarão à força.

FILOCTETES

A mim, ó vilão dos vilões e cúmulo da audácia?! Eles, levarem-me à força?! 985

ULISSES

Se não quiseses ir de livre vontade.

FILOCTETES

Ó ilha de Lemnos, ó fogo que tudo vences, obra de Hefestos! Pode-se lá tolerar que um homem destes me arranque de vós à força?

ULISSES

Foi Zeus, fica a saber, Zeus que é o senhor desta terra, foi Zeus quem assim o resolveu. Eu sou apenas seu servo. 990

FILOCTETES

Ó criatura abominável, que histórias inventas! Escudas-te com os deuses, e fazes deles mentirosos?!

ULISSES

Mentirosos, não: verdadeiros. É este o caminho que deves seguir.

FILOCTETES

Não, digo-to eu.

ULISSES

E eu digo que sim. Tu tens de obedecer.

FILOCTETES

995 Ai, triste de mim! Por certo, foi para ser um autêntico escravo, e não um homem livre, que o meu pai me gerou!

ULISSES

Não, foi para seres par dos mais valentes guerreiros, com quem deves conquistar Tróia e arrasá-la pela força.

FILOCTETES

1000 Nunca. Mesmo que eu tenha de sofrer tudo, enquanto habitar a falésia escarpada desta ilha.

ULISSES

E que vais fazer?

FILOCTETES

Esmagar de imediato a cabeça nos rochedos, lançando-me do alto destes penhascos.

ULISSES (*aos marinheiros.*)

Agarrem-no bem: que não possa fazê-lo.

(*Os marinheiros agarram-lhe as mãos.*)

FILOCTETES

Ó minhas mãos, o que estais sofrendo, na falta do meu arco querido, da parte deste homem que vos tem presas! E tu, 1005 que não és capaz sequer de um pensamento honesto e livre, de novo me surpreendeste à traição e me apanhaste, dissimulando-te por trás deste jovem para mim desconhecido, que tu não merecias, mas que era digno de mim. Ele nada sabia, a 1010 não ser executar as ordens recebidas. Isso está bem patente agora na sua aflição pela falta que cometeu e pelo sofrimento que me causou. Todavia, o teu espírito infame penetra sempre nos recessos mais íntimos, e pouco a pouco amestraste-o a rigor, 1015 tornando-o perito na prática do mal, apesar de não ser essa a sua natureza nem a sua vontade. E agora, miserável, projectas levar-me algemado desta costa rochosa, em que outrora me abandonaste sozinho, sem amigos, sem pátria: um morto entre os vivos!

Ai! Que a morte te fulmine! Eis um voto que já muitas vezes formulei. Mas os deuses nada me concedem a meu gosto, 1020 e tu gozas a alegria de viver, enquanto eu sofro, precisamente porque tenho de viver, ai de mim, no meio de males inúmeros, e objecto de troça para ti e para os dois generais, os filhos de Atreu, a quem tu serves nesta empresa. Todavia, foi ludibriado 1025 e constrangido que tu te sujeitaste ao jugo e embarcaste com eles⁴³. E eu, desventurado, que embarquei de livre vontade a chefiar sete naus, a mim abandonaram-me aqui desonrosa-

- mente, ao que tu dizes; eles, porém, dizem que foste tu. E agora, porque me levais? Porque me arrastais? Por que motivo?
- 1030 Já não sou nada e, para vós, morri há muito. Como? Ó abominação dos deuses?! Então já não sou para ti um coxo com uma fétida chaga? Já é possível fazer sacrifícios aos deuses, comigo a bordo?! Fazer libações?! Esse foi o pretexto alegado para vos desfazerdes de mim... Má morte tendes! E haveis de sucumbir, em paga da injustiça que cometestes contra o pobre homem que sou, se os deuses ainda cuidam da justiça. Sei muito bem que o fazem, porque nunca uma travessia destas teríeis empreendido por um desgraçado, se um aguilhão divino vos não trouxesse até mim.
- 1040 Ó terra de meus pais, deuses vigilantes, castigai-os, castigai-os a todos eles, ainda que demore tempo, se tendes compaixão de mim. A minha existência é digna de compaixão, mas, se os visse a eles na ruína, julgar-me-ia curado da minha enfermidade.

CORO

- 1045 Duro é o homem e dura a linguagem que fala, Ulisses. Não cede, mesmo na desgraça.

ULISSES

- Muito teria que responder ao arrazoado deste homem, se pudesse. Limito-me a dizer uma palavra apenas: quando é preciso certa espécie de homens, eu sou um deles. E se algures houver um concurso entre varões justos e honrados, não encontrarás pessoa mais escrupulosa do que eu. É verdade que vencer em tudo é uma paixão natural que me domina... Mas não a ti. A ti cedo agora de livre vontade.
- 1050

(*Aos seus homens.*)

- 1055 Larguem-no, pois. Não lhe toquem mais. Deixem-no ficar.

(*A Filoctetes.*)

Nós não precisamos de ti para nada, visto que possuímos as tuas armas. Dispomos também de Teucro que domina a

a sua técnica⁴⁴; e eu mesmo penso não te ser nada inferior no manejo dessas armas nem no apontá-las ao alvo. Portanto, que necessidade temos de ti? Passeia a teu prazer no solo de Lemnos. Nós vamo-nos, e talvez este teu presente me conceda a mim a glória que devia ser tua. 1060

FILOCTETES

Ai de mim! Que fazer, desgraçado? Tu vais mostrar-te e exhibir-te perante os Argivos, com as minhas armas?

ULISSES

Não repliques nada, que já vou a caminho. 1065

(Ulisses dá uns passos como quem vai a sair da cena.)

FILOCTETES

Ó filho de Aquiles, tu também não me diriges mais palavra?! Assim partes sem me dizer nada?!

ULISSES *(a Neoptólemo.)*

Tu, vem daí. Não olhes para ele, pese embora ao teu carácter generoso, não vás estragar a nossa sorte.

(O Coro dirige-se para a saída.)

FILOCTETES

O quê? Também vós, estrangeiros, me deixais ficar assim só e não vos compadeceis de mim? 1070

CORO

Este jovem é o nosso comandante a bordo. O que ele te disser, o mesmo te dizemos também nós.

NEOPTÓLEMO (*ao Coro.*)

Vou ouvir deste homem

(*Aponta para Ulisses.*)

- 1075 que sou demasiado compassivo. Todavia fiquei com ele, se assim o quer, durante o tempo que os marinheiros levam a aparelhar o barco e enquanto nós dirigimos preces aos deuses. E entretanto pode ser que nele surja um sentimento que nos seja mais favorável.
- 1080 Nós dois partimos; e vós, quando vos chamarmos, apressai-vos a partir também.

(*Neoptólemo e Ulisses afastam-se.*)

FILOCTETES

estrofe

- Ó gruta de côncava rocha,
abrasadora e gelada! Assim
estava condenado — que infeliz eu sou! —
a não te deixar jamais. Da minha
- 1085 morte tu serás a única testemunha.
Ai! ai! ai de mim!
Ó triste morada, tão cheia
dos lamentos que eu soltava,
qual vai ser o meu dia a dia
- 1090 agora? De quem e donde posso obter,
mísero de mim, qualquer esperança de sustento?
Agora nas alturas do céu
as aves que cruzam os ares sibilantes
me vão devorar⁴⁵. Eu já não tenho força.

CORO

Tu és o responsável, tu, 1095
infortunado. Não de outro
esta desventura te vem, não de um poder mais forte.
Estando na tua mão ser sensato,
tu, em vez de melhor partido,
o pior elegeste. 1100

FILOCTETES

antístrofe

Oh! mísero, mísero que sou,
e arruinado pelas dores!
Longe de qualquer ser humano,
de agora em diante, pobre de mim,
viverei e aqui vou morrer. 1105
Ai! ai!
Já não posso mais procurar alimento,
não, com os dardos alados
que as minhas mãos robustas 1110
seguravam. Insuspeitas e ocultas,
insinuaram-se no meu ânimo as palavras de um espírito doloso.
Possa um dia ver
o que tal maquinou, por igual tempo
a sofrer uma dor igual à minha! 1115

CORO

Este golpe, <este golpe> dos deuses
te veio, e não te surpreendeu um engano
nascido das minhas mãos. Lança a tua odiosa
e sinistra imprecação sobre outros. 1120
A mim, uma só coisa me preocupa:
que não recuses a nossa amizade.

FILOCTETES

estrofe

- Ai! ai de mim! E algures,
sentado na margem do mar argênteo,
1125 ele ri-se de mim, e na mão segura
o que é o sustento deste desgraçado,
a arma que nunca nenhum outro empunhou.
1100 Ó arco querido, de minhas mãos
à força arrancado,
1130 por certo, compassivo olhas, se tens
entendimento, o † infeliz †⁴⁶ herdeiro
de Héracles, que deste modo
nunca mais doravante fará uso de ti.
Em troca um outro
1135 te manejará: o homem dos mil artificios.
Vês as suas torpes traições,
esse ser odioso e abominável,
e as inúmeras infâmias
que fez nascer e preparou contra nós.

CORO

- 1140 Da sua justiça, deve cada homem dizer com lealdade.
Mas uma vez dito, não deve soltar
palavras de malquerença, que magoam.
Ele foi o único, entre muitos,
escolhido para tal empresa, e, por sua ordem,
1145 realizou uma obra para bem de todos os amigos.

FILOCTETES

antístrofe

- Ó aves rapaces e feras
de olhar flamejante, que habitais
os montes desta região,
nunca mais da minha gruta vos acercareis

para logo fugirdes. Já não tenho nas mãos, 1150
como dantes, a força dos meus dardos.

Oh! como sou desgraçado agora!

Livre fica este lugar,
não mais é temível para vós.

Vinde, que a altura agora é bela 1155
para saciar a gosto as fauces vingadoras
na minha carne corrompida.

Em breve deixarei a vida.

Donde me virá subsistência?

Quem pode de brisas nutrir-se, 1160
quando já não possui nada
de quanto produz a terra fecunda?

CORO

Pelos deuses te peço, se deles tens temor, vai ter
com o estranho que de ti se acercou, cheio de benevolência.
E fica ciente, fica bem ciente: de ti depende 1165
livrar-te desse destino.

É custoso sustentá-lo e ser incapaz de aprender
a suportar o fardo ingente que nele mora.

FILOCTETES

De novo, de novo a velha dor
me recordas, 1170
ó tu que és o melhor de quantos aportaram aqui.
Porque me matas? Porque me forças?

CORO

Que queres dizer com isso?

FILOCTETES

Que tens esperanças de levar-me
1175 à terra de Tróia, que me é odiosa.

CORO

É essa, me parece, a melhor solução.

FILOCTETES

Então deixai-me, e já.

CORO

Grata para mim, grata é a ordem que me dás
e de boa mente a vou cumprir.
Vamo-nos, vamo-nos
1180 ao lugar da nau que nos foi destinado.

(Dirige-se para a saída.)

FILOCTETES

Não, em nome de Zeus, patrono dos suplicantes,
te imploro: não te vás.

CORO

Acalma-te.

FILOCTETES *(gritando.)*

Ó estrangeiros,
1185 ficai, pelos deuses.

CORO

Porque gritas?

FILOCTETES

Ai! ai!

Destino, destino! Estou perdido, desgraçado!

Pé, meu pé, na vida que ainda

me resta, que vou eu, desgraçado, fazer contigo?

Estrangeiros, vinde, voltaí de novo!

1190

CORO

Porque ages com diverso

designio do que há pouco expressaste?

FILOCTETES

Não merece cólera

quem se sente agitado por um furacão

de dores, e grita a despropósito.

1195

CORO

Vem, então, infeliz, como te exortamos.

FILOCTETES

Nunca, nunca. Fica seguro disso.

Nem que o tonitruante Zeus que lança o raio
me fulmine com o lampear do trovão⁴⁷.

Pereça Ílion, e vós que cercais seus muros:

todos os que tiveram a ousadia de, pelo meu pé
doente, abandonar-me. Mas ao menos,
estrangeiros, satisfazei-me um único desejo.

1200

CORO

A que desejo te referes?

FILOCTETES

Se algures tendes uma espada,
1205 um machado, uma arma qualquer, trazei-ma.

CORO

Que violência intentas agora?

FILOCTETES

A cabeça e os membros todos, de golpe, cortar por minha mão.
A morte, a morte imediata, é o que eu desejo.

CORO

1210 E porquê?!

FILOCTETES

Para ir ter com meu pai.

CORO

A que lugar?

FILOCTETES

Ao Hades.

Já não vê, por certo,
a luz do dia ⁴⁸.

Ó cidade, cidade de meus pais,
como eu desejava ver-te, desventurado que sou,
1215 eu que deixei o teu rio sagrado
para partir com os odiosos Dânaos,
em sua ajuda. Agora nada sou.

(*Entra na gruta.*)

CORO

Também eu já há muito estaria a caminho da minha nau, por mais que fizesses, se não visse, já perto, Ulisses e o filho de Aquiles dirigirem-se para aqui, ao nosso encontro.

(Entra Neoptólemo, seguido de Ulisses. Discutem os dois.)

ULISSES

Não me poderás explicar porque voltas atrás e arrepias caminho com tanta pressa?

NEOPTÓLEMO

É para reparar uma falta que cometi no passado.

ULISSES

Estranho falar o teu. E qual foi essa falta? 1225

NEOPTÓLEMO

A de ter obedecido a ti e a todo exército...

ULISSES

Que fizeste, que não seja digno de ti?!

NEOPTÓLEMO

Ter-me apoderado, com torpes traições e enganar, de um homem...

ULISSES

Quem?! Oh desgraça! Acaso tomaste nova resolução?

NEOPTÓLEMO

1230 Nova, não. Mas ao filho de Poiante...

ULISSES

Que vais fazer? A ânsia invade-me.

NEOPTÓLEMO

...a quem tirei este arco, agora mesmo de novo...

ULISSES

Ó Zeus, que dizes?! Acaso pensas entregá-lo?

NEOPTÓLEMO

Sim, porque contra a honra e a justiça o tomei e retenho.

ULISSES

1235 Pelos deuses, dizes isso por troça?!

NEOPTÓLEMO

Se troçar é dizer a verdade.

ULISSES

Que dizes, filho de Aquiles?! Que palavras acabas de proferir?!

NEOPTÓLEMO

Queres que tas repita duas e três vezes?

ULISSES

Nem uma vez sequer as quisera ouvir.

NEOPTÓLEMO

Fica sabendo então que já ouviste tudo o que tinha a dizer. 1240

ULISSES

Mas há alguém, alguém que te vai impedir de o fazer.

NEOPTÓLEMO

Que dizes? Quem haverá que mo possa impedir?

ULISSES

Todo o exército dos Aqueus e, entre eles, eu.

NEOPTÓLEMO

Para o sábio que és, não é nada sábio o que dizes.

ULISSES

Tu é que não mostras sabedoria no que dizes e fazes. 1245

NEOPTÓLEMO

Desde que seja justo, vale bem mais do que a sabedoria⁴⁹.

ULISSES

E que tem de justo entregar de novo as armas que lhe tiraste,
de acordo com os meus conselhos?

NEOPTÓLEMO

Procuro reparar uma falta infame que cometi.

ULISSES

1250 E, ao fazê-lo, não temes o exército dos Aqueus?

NEOPTÓLEMO

Com a justiça do meu lado, não temo a tua ameaça ⁵⁰.

ULISSES

.....

NEOPTÓLEMO

1252 Nem mesmo a tua violência me forçará a obedecer.

ULISSES

1253 Então não será contra os Troianos, mas contra ti que combateremos.

NEOPTÓLEMO

Venha o que vier.

ULISSES (*levando a mão à espada.*)

1255 Vês que a minha mão empunha já a espada?

NEOPTÓLEMO *(imitando-lhe o gesto.)*

Podes ver que faço o mesmo, e sem esperar mais.

(Desembainha a espada.)

ULISSES

Bem, eu deixo-te e, de regresso, contarei o teu procedimento a todo o exército, que te há-de castigar.

(Ulisses afasta-se.)

NEOPTÓLEMO

Tomaste enfim juízo. Se no futuro continuares com esse bom senso, talvez os teus passos se mantenham longe das lágrimas. 1260

(Vira-se para a gruta e chama Filoctetes.)

Eh lá! filho de Poiante! Filoctetes, é a tí que chamo. Sai, deixa essa gruta rochosa.

(Filoctetes aparece à entrada da gruta, sem ver Neoptólemo.)

FILOCTETES

Que gritaria se ergue de novo junto à minha gruta? Porque me chamais? De que necessitais agora, estrangeiros?

(Vê Neoptólemo.)

Ai de mim! Má coisa! Que novas desgraças me vens 1265 juntar àquelas que sofro?

NEOPTÓLEMO

Não tenhas receio, e escuta as novas que venho trazer-te.

FILOCTETES

Tenho receio, sim, que, já antes, de belos discursos colhi
maus frutos, por acreditar nas tuas palavras.

NEOPTÓLEMO

1270 Não admites que se mude de intenções?

FILOCTETES

As tuas palavras continuam a ser as mesmas que eram,
quando me tiraste o arco: leis na aparência e traiçoeiras
na sombra.

NEOPTÓLEMO

1275 Tal não é agora o caso. Quero ouvir de ti por qual
das alternativas te decides: continuar a sofrer ou navegar
connosco.

FILOCTETES

Cala-te. Nem mais uma palavra. Será inútil tudo quanto
disseres.

NEOPTÓLEMO

É essa a tua decisão?

FILOCTETES

E muito mais firme do que a exprimo, fica sabendo.

NEOPTÓLEMO

Desejava, de verdade, que cedesses aos meus argumentos.
Mas se, de facto, nada do que digo é oportuno, calo-me. 1280

FILOCTETES

Tudo o que disseres será inútil. Nunca mais tornarás
benévolo o meu espírito, tu que à traição me tiraste os meios de
subsistir, e deles me despojaste. E agora, ainda vens dar-me
conselhos, filho degenerado de um nobre pai! Que a morte 1285
vos leve, sobretudo aos Atridas, e depois ao filho de Laertes e
a ti também!

NEOPTÓLEMO

Não lances mais imprecações, e recebe das minhas mãos
estas armas.

FILOCTETES

Que dizes? Queres enganar-me segunda vez?

NEOPTÓLEMO

Não, juro-o, pela santa majestade de Zeus supremo.

FILOCTETES

Oh palavras tão doces as tuas, se falas a verdade! 1290

NEOPTÓLEMO

Os actos to confirmarão. Por isso, estende a mão e recebe as
tuas armas.

(Surge Ulisses inopinadamente e tenta obstar à entrega do arco, sem conseguir, contudo, obter os seus intentos.)

ULISSES

Proíbo-te que o faças, e tomo os deuses por testemunhas, em nome dos Atridas e de todo o exército!

FILOCTETES

1295 Filho, de quem é esta voz? Não é Ulisses que eu ouço?

ULISSES

Ele em pessoa. E vês também na tua frente quem te vai levar à força para os campos de Tróia, quer o filho de Aquiles queira, quer não.

FILOCTETES *(pega no arco e aponta-o a Ulisses.)*

Mas não será para teu bem, caso esta seta atinja o seu alvo.

NEOPTÓLEMO *(interpondo-se, tenta impedir Filoctetes e agarra-lhe a mão.)*

1300 Ah! não, de maneira nenhuma, não! Pelos deuses, não dispares a seta.

FILOCTETES

Larga a mão, peço-te, querido filho.

NEOPTÓLEMO

Não, não ta largo.

FILOCTETES (*afrouxa e deixa cair as mãos.*)

Ai! Porque me impediste de matar um inimigo odioso com as minhas flechas?

NEOPTÓLEMO

Não, que isso não seria honroso nem para mim, nem para ti.

(*Ulisses afasta-se.*)

FILOCTETES

Ao menos fica certo de uma coisa: os chefes do exército, 1305
arautos mentirosos dos Aqueus, são cobardes no combate e
arrogantes nas palavras.

NEOPTÓLEMO

Seja. Mas já tens o teu arco, e não há razão para te encole-
rizaras nem te queixares contra mim.

FILOCTETES

De acordo. Bem mostras, ó filho, a estirpe de que nasceste: 1310
não a de Sísifo, mas a de Aquiles que, quando entre os vivos,
tinha fama de herói, e a conserva agora entre os mortos.

NEOPTÓLEMO

Alegra-me que faças o elogio de meu pai e o meu. Escuta, 1315
contudo, o que desejo conseguir de ti. Os homens vêm-se
forçados a suportar as desgraças que os deuses lhes dão. Mas
quantos, como tu, persistem nos sofrimentos voluntariamente,
não merecem que se sinta por eles indulgência, nem que alguém 1320
os lastime. Ora tu tornaste-te um selvagem e não aceitas con-

selhos. E se alguém, com boas intenções, o faz, tu ganhas-lhe ódio e nele vêes um adversário e um inimigo. Mesmo assim, 1325 falarei, e tomo a Zeus por testemunha. Tu escuta e grava as minhas palavras no teu peito.

O mal que te apoquentava vem-te da vontade dos deuses, por te teres aproximado da sentinela de Crise, a serpente que, escondida, vigia e defende o seu recinto descoberto⁵¹. Fica a saber 1330 que, enquanto este mesmo Sol continuar a levantar-se de um lado e a pôr-se no outro, jamais obterás o fim desta tua cruel enfermidade, sem que primeiro, de tua livre vontade, partas para as planícies troianas, onde, junto de nós, encontrarás um dos dois 1335 Asclepiades⁵² que te curará desse mal, e onde te tornarás famoso, ao destruíres a cidadela com o teu arco e a minha ajuda.

Agora vou dizer-te como soube que as coisas se vão passar assim. Temos junto de nós um prisioneiro troiano, o famoso adivinho Heleno. Foi ele que nos profetizou claramente que 1340 tudo se há-de passar deste modo. Acrescentou ainda que, no verão que decorre, Tróia tem de ser impreterivelmente tomada. Oferece-se de livre vontade à morte, se forem mentiras o que diz. Agora que já sabes tudo, cede de bom grado. É um belo 1345 prémio, ser considerado um dos Gregos mais valentes, e encontrar as mãos que te curem, para em seguida alcançar a mais subida das glórias, ao tomar Tróia, fonte de tantas dores.

FILOCTETES

Ó vida odiosa, porquê, porque me deténs ainda cá na terra a olhar a luz do dia e não me concedeste ter ido já para o Hades? 1350 Ai de mim! que hei-de fazer? Como não acreditar nas palavras deste jovem que me deu conselhos de amigo?

(Pausa.)

Mas posso realmente ceder? E como vou eu, desgraçado, aparecer à luz do dia, depois de proceder desse modo? A quem vou falar? Como é que vós, olhos meus, que vistes tudo o que 1355 me cerca, podeis tolerar que eu conviva com os filhos de Atreu que foram a minha ruína? Que conviva com o filho maldito de Laertes? Já não é o sofrer passado que me punge, mas o

que pressinto ter ainda de sofrer da parte deles: aqueles cuja 1360
mente tiver sido mãe de infâmias, em tudo lhes ensina a praticar
o mal. E é isso mesmo o que me espanta em ti. Tu, por ti,
nunca devias partir para Tróia e devias evitar que eu partisse.
São homens que te ultrajaram, espoliando-te das recordações 1365
paternas, [homens que, na contenda pelas armas do teu pai, con-
sideraram o desventurado Ájax inferior a Ulisses]⁵³. E depois
disto tudo, ainda vais ajudá-los na luta e queres forçar-me ao
mesmo?! Ah! não, filho! Leva-me antes para casa, como
prometeste. E tu mesmo fica em Ciro, e deixa que esses mise-
ráveis morram miseravelmente. Desse modo obterás de mim 1370
uma dupla gratidão, dupla também da parte de meu pai. Além
disso, evitando ajudar os perversos, não parecerá que tens uma
natureza igual à sua.

NEOPTÓLEMO

É razoável o que dizes. No entanto, eu desejava igualmente
que tu acreditasses nos deuses e nas minhas palavras, e saíesses 1375
desta terra com quem é teu amigo.

FILOCTETES

Para os campos troianos e para junto do filho de Atreu,
que tanto odeia este meu desditoso pé?⁵⁴

NEOPTÓLEMO

Não, mas para junto de quem te pode aliviar as dores desse
teu pé ulcerado e livrar-te do mal.

FILOCTETES

Tu, que me dás cruéis conselhos, a que queres referir-te? 1380

NEOPTÓLEMO

Àquilo que, se for realizado, vejo ser o melhor para ti e para mim.

FILOCTETES

E não tens vergonha de falar assim diante dos deuses?

NEOPTÓLEMO

Como pode alguém sentir vergonha, quando recebe ajuda? ⁵⁵

FILOCTETES

Falas de ajuda aos Atridas ou isso refere-se a mim?

NEOPTÓLEMO

1385 A ti, certamente, porque sou teu amigo, e de amigo são as minhas palavras.

FILOCTETES

Como? Se queres entregar-me aos meus inimigos?!

NEOPTÓLEMO

Ó meu caro, aprende a não ser insolente na desgraça.

FILOCTETES

Bem te conheço. Vais perder-me com essas tuas palavras.

NEOPTÓLEMO

Não, eu não. Mas asseguro-te que não estás a compreender.

FILOCTETES

Eu?! então não sei que foram os Atridas que me rejeitaram? 1390

NEOPTÓLEMO

Mas os que te rejeitaram podem agora salvar-te, repara.

FILOCTETES

Nenhuma promessa me fará ver Tróia de livre vontade.

NEOPTÓLEMO

Que hei-de fazer agora, se não consigo convencer-te com nenhum dos argumentos que te apresento? A coisa mais simples 1395 será deixar a discussão, e permitir que tu vivas, como viveste até aqui, sem esperança de cura.

FILOCTETES

Sim, deixa-me sofrer o que devo sofrer. Todavia, a promessa que fizeste de me levar para casa, apertando-me a mão, cumpre-a, meu filho. Não demores nem recordes mais o nome de Tróia. 1400 Em demasia me causou já lamentos e gemidos.

NEOPTÓLEMO

Se assim queres, partamos.

FILOCTETES

Oh nobre palavra disseste!

NEOPTÓLEMO

Então apoia em mim os teus passos.

FILOCTETES

Sim, tanto quanto possa.

*(Levanta-se e vai descendo a custo da plataforma,
apoiado a Neoptólemo.)*

NEOPTÓLEMO

E como vou escapar às acusações dos Aqueus?

FILOCTETES

Não penses nisso.

NEOPTÓLEMO

1405 Como, se eles vão devastar o meu país?

FILOCTETES

Eu, estando presente...

NEOPTÓLEMO

Que ajuda me podes prestar?

FILOCTETES

... com os dardos de Hércules...

NEOPTÓLEMO

Que dizes?

FILOCTETES

... impedi-los-ei de se aproximarem da tua pátria.

NEOPTÓLEMO

Pois, se estás disposto a fazer como dizes ⁵⁶, saúda esta terra e vem.

(Héracles aparece de súbito sobre a falésia.)

HÉRACLES

Ainda não, sem primeiro ouvires,
ó filho de Poiante, as minhas palavras. 1410

Fica certo de que a voz de Héracles
teus ouvidos escutam e teus olhos vêem sua imagem.

Em atenção a ti as mansões celestes
deixei e venho

para te revelar as decisões de Zeus 1415
e desviar do caminho que pretendes seguir.

Presta atenção às minhas palavras.

Em primeiro lugar, vou contar-te a minha sorte, os trabalhos que sofri e suporrei, antes de adquirir a glória imortal ⁵⁷ que podeis contemplar. Também a ti, podes crer, te está destinada sorte igual: ter uma vida gloriosa, depois dos sofrimentos de agora ⁵⁸. Depois de partires com este homem para a cidade de Tróia, serás primeiro libertado da amarga enfermidade; depois, eleito pelo teu valor como o mais valoroso de todo 1420 o exército, com as minhas flechas despojarás da vida a Páris, que foi o causador de todas as desgraças, e arrasará Tróia. Os despojos, que então receberás do exército como prémio do teu valor, enviá-los-ás ao teu palácio, para alegria de teu pai 1425

1430 Poiante, nas pátrias planícies do Eta. Mas o que receberes do exército em memória das minhas armas, leva-o ao meu túmulo.

(Dirige-se a Neoptólemo.)

A ti, filho de Aquiles, dirijo também os meus conselhos,
1435 pois nem tu podes tomar a cidade de Tróia sem ele, nem ele sem ti. Como uma parrelha de leões que vivem juntos, deveis guardar-vos mutuamente: ele a ti e tu a ele.

(A Filoctetes.)

Eu enviarei para Ílion Asclépios, que te curará da enfermi-
1440 dade. Pela segunda vez, essa cidade deve ser conquistada com as minhas armas⁵⁹. Mas atendei ao seguinte: quando tiverdes devastado a terra, sede reverentes para com os deuses⁶⁰. Zeus Pai considera de somenos todo o resto. É que o respeito pelos deuses não perece com os mortais. Quer eles vivam, quer morram, não se desvanece.

FILOCTETES

1445 Ó tu que me envias a voz desejada e ao fim de longo tempo apareces! Não desobedecerei às tuas ordens.

NEOPTÓLEMO

Também é essa a minha decisão.

HÉRACLES

Então não demoreis muito tempo a agir.

1450 São favoráveis o momento e os ventos que agora sopram de popa.

(Desaparece.)

FILOCTETES (*voltando-se para as rochas e para a gruta.*)

Quero, na hora da partida, saudar esta terra. Adeus, gruta que foste a minha companhia, Ninfas das húmidas pradarias e marulho forte do mar nos rochedos! Aqui tantas vezes, 1455 mesmo no interior da gruta, me humedeceram a cabeça as lufadas de vento, e tantas outras o monte Hermeu ⁶¹, na tempestade das minhas dores, me devolveu o eco dos lamentos. E agora, 1460 ó nascentes e fontes de Apolo Lício, vou deixar-vos, deixar-vos já, o que eu nunca chegara a acreditar.

Adeus, ilha de Lemnos rodeada pelo mar! Envia-me com 1465 vento propício e sem dano até onde me conduzem a Parca poderosa, o conselho dos amigos e a divindade que tudo domina e tudo levou a termo ⁶².

NOTAS

CORO

Partamos então todos juntos,
após dirigir uma prece às Ninfas marinhas, 1470
para que protejam o nosso regresso.

¹ Sobre este pormenor do cenário, vide infra nota 3.

² Filoctetes, filho de Poiante, era natural da Málide, uma região da Tessália debruçada sobre o golfo do mesmo nome e banhada pelo rio Esperquio. A *Iliada* (II, 718) dá-o, contudo, como originário de Magnésia. Foi mordido por uma víbora guardiã do santuário da ninfa Crise — segundo a lenda, como castigo pelo perjúrio de ter revelado o local da sepultura de Hércules —, quando, único a conhecer a sua localização, a indicava aos Atridas que aí necessitavam de sacrificar (cf. vv. 1326-1328).

³ Consideram alguns comentadores que as duas entradas da gruta são visíveis e dão para a cena (cf. I. M. Linforth, «Philoctetes. The Play and the Man», *University of California Publications in Classical Philology*, 15, 3 (1956) 97-98). No entanto, parece-me mais consentânea com o texto a opinião de W. J. Woodhouse «The Scenic Arrangements of the *Philoctetes* of Sophocles», *JHS* 32 (1912) 239-242, e de A. M. Dale, «Seen and Unseen on the Greek Stage» in *Collected Papers*, Cambridge, 1969, pp. 127-129, de que apenas uma das bocas da gruta é visível, dando a outra para o interior da ilha.

⁴ Após a morte de Aquiles, Ájax e Ulisses disputaram a honra de possuir as suas armas. O exército concedeu-as a Ulisses, o que levou Ájax, no seu descontentamento e revolta, a conceber o projecto de atacar os chefes dos Aqueus. É o tema que Sófocles aproveita para compor o *Ájax*.

A tradição concorda em que Ulisses, após a chegada de Neoptólemo a Tróia, lhe entregou as armas do pai. E uma taça ática de figuras vermelhas de Dúris de cerca de 490 a.C., actualmente no museu de Viena (Beazley, *Attic Red-Figure Vase-Painters*, Oxford, 1963, vol. I, p. 429, n.º 26; E. Pfuhl, *Masterpieces of Greek Drawing and Painting*, London, 1955, figs. 61-63), mostra, na parte interior, Ulisses a entregar as armas a Neoptólemo, enquanto no exterior representa a disputa delas entre Ulisses e Ájax e a votação que as concede àquele.

⁵ Figura lendária, filho de Zeus e da filha de Atlas, Electra. Teria sido o fundador de Tróia — que, devido ao seu nome, é também frequentemente apelidada de Dardânia.

⁶ Os heróis gregos pretendentes à mão de Helena, por sugestão de Ulisses que era um deles, fizeram a Tíndaro, seu pai, o juramento de prestar ajuda àquele que ela escolhesse para esposo, sempre que este a reclamasse. Ulisses refere-se a esse juramento, que o obrigou, bem contra vontade, a fazer parte da expedição a Tróia para castigar Páris.

⁷ Neste passo não segui o texto de Pearson que coloca a vírgula depois de *ὀδύτης* e faz depender *τῶνδ' ἐκ μελάθρων* de *προχωρῶν* «quando chegar o terrível caminhante, afasta-te desta gruta». Preferi, por mais concorde com a verdade e com a realização cénica, a emenda de A. M. Dale, «Seen and Unseen on the Greek Stage» in *The Collected Papers*, Cambridge, 1969, pp. 127-129, que desloca a vírgula para depois de *μελάθρων*. De acordo com a autora citada, considero-a mais correcta, primeiro porque o coro está na orquestra e não na gruta, em segundo lugar porque ligar *τῶνδ' ἐκ μελάθρων* a *προχωρῶν* torna *αἰεὶ* desnecessário e sem sentido.

⁸ Passo que oferece dificuldades, tanto no que respeita à métrica (porque a *θνητῶν* do v. 177 corresponde na antístrofe *-στομος*) como no aspecto estético. Essa sensação vem-nos, como opina Webster, p. 82, não só devido à repetição com sentidos diferentes dos sinónimos *θνητῶν/βροτῶν*, mas sobretudo devido ao facto de «planos dos mortais» serem um comentário particular ao abandono de Filoctetes, ao passo que o resto é um comentário geral à vida humana, também aplicável a Filoctetes. Por isso, talvez se deva aceitar a hipótese de Webster de que *θνητῶν* fosse uma glosa, sobreposta a *βροτῶν*, até porque, nota ainda Webster, no canto do Coro seria de esperar, como no v. 682, a forma dórica *θνατῶν*. Depois, a glosa teria sido introduzida no texto em substituição de outra palavra, que talvez fosse — e aceitamos como muito provável a conjectura de Lachmann — *θεῶν*. Assim se eliminaria a dificuldade métrica e se evitaria a repetição de sinónimos com sentidos diferentes.

⁹ Vide supra, nota 2.

¹⁰ Rei da ilha de Círos, no mar Egeu, a leste de Eubeia, que recebeu entre as suas filhas Aquiles, disfarçado de mulher. Desse modo tentava Tétis, sua mãe e conhecedora da sua morte futura em Tróia, evitar que ele fizesse parte da expedição para vingar o rapto de Helena. De uma das filhas de Licomedes, Deidamia, e de Aquiles, nasce Neoptólemo que, deste modo, é neto de Licomedes e natural de Círos, apesar de Aquiles ser originário da Ftia.

¹¹ Os dois Atridas, Agamémnon e Menelau.

¹² Desde a *Iliada* (II. 631) que os habitantes do reino de Ulisses — constituíam-no três ilhas, Ítaca, Cefalénia e Zacinto — são designados pelo nome de Cefalénios.

¹³ Respectivamente, os reinos de Agamémnon e Menelau.

¹⁴ Embora exista uma versão que atribui a morte de Aquiles a uma seta lançada por Páris (cf. Eurípides, *Andrómaca* 655, *Hécuba* 387-388), a mais espalhada — já nos aparece em Homero — é a que atribui a Apolo papel preponderante no fim de Aquiles, quer o deus agisse sozinho, quer juntamente com Páris (cf. *Iliada* XIX. 408 sqq., XXI. 277-278, XXII. 355 sqq.). Para outras ocorrências da lenda, vide o meu trabalho *Eurípides — Andrómaca*, (Coimbra, 1971), pp. 179-180, nota 54.

¹⁵ Literalmente: «pintada de várias cores». Embora haja autores que interpretam *ποικιλόστολος* como um epíteto equivalente a *μυλοπάργιος* «de bojo rubro», que Homero dá às naus de Ulisses (*Iliada* II. 637), é mais natural pensar que o barco venha ornamentado desse modo, por se tratar de uma missão oficial e para marcar a sua importância e solenidade. Assim se fazia em Atenas com a Salaminia, a nau das solenidades sagradas, quando era enviada às festas de Apolo em Delos (cf. Platão, *Criton* 43 d, *Fédon* 58 a; Xenofonte, *Memoráveis* IV. 8.2).

¹⁶ Fénix, preceptor de Aquiles (*Iliada* IX. 442-443), que, mais tarde, o acompanhou na expedição a Tróia.

¹⁷ Segundo a *Odisseia* XXIV. 63-64, o funeral de Aquiles realizou-se dezasseis dias depois da morte do herói.

¹⁸ Promontório a noroeste de Tróia, onde, segundo a tradição, foi sepultado Aquiles.

¹⁹ Passo controverso. Talvez uma justificação antecipada de Neoptólemo, talvez, no inconsciente de Sófocles, um ilibar de responsabilidades a cidade e o assacá-las aos seus chefes incompetentes e ambiciosos (cf. Eurípides, *Suplicantes* 878-880, onde proclama que a cidade não é culpada dos erros dos governantes). E. Fraenkel (*Due seminari romani di E. Fraenkel: «Aiace» e «Filottete» di Sofocle, a cura di alcuni partecipanti* [Roma, 1977], pp. 53-55) aventou a hipótese, embora com muitas dúvidas, de os vv. 386-388 serem interpolados.

²⁰ O coro invoca a Terra (Geia), a Grande Deusa asiática Cibele, mãe dos deuses, aqui identificada com Reia, mãe de Zeus.

²¹ Rio que desce do monte Tmolo e corre na Lídia. Tornou-se famoso na Antiguidade pelas suas areias auríferas.

²² Literalmente: «pensa nele como se já não estivesse à luz do dia».

²³ Diomedes, rei de Tirinto, um dos heróis da *Iliada*. Para um comentário do passo (vv. 410sqq.), vide R. P. Winnington-Ingram, *Sophocles. An Interpretation*, Cambridge, 1980, pp. 340-341.

²⁴ Ulisses. Segundo uma versão da lenda, sobretudo divulgada pelos inimigos de Ulisses, Anticleia, sua mãe, quando casou com Laertes, já estava grávida de Sísifo, rei de Corinto, conhecido pelo castigo que lhe foi infligido no Hades e em que A. Camus se baseou para compor o seu ensaio *Le mythe de Sisyphe*.

²⁵ Refere-se, com certeza, a Ajax, de cuja morte soubera mais acima, e ao filho de Nestor, Antíloco.

²⁶ Traduzi por «arguto» e «argutas» o termo grego *sophos* que aparece frequentes vezes na tragédia como eixo de uma oposição entre duas concepções de sabedoria (vide infra, nota 49). Nem sempre foi possível verter *sophos* por «sábio», «sabedor» e *sophia* por «sabedoria». Umás vezes traduzi-os por «arguto», como aqui, outras por «inteligente» (v. 119), por «hábil» (v. 440), «perito» (v. 1015).

²⁷ Trata-se, com certeza, de uma referência velada a Sísifo que, segundo o mito, depois de morto, teria conseguido convencer Hades a permitir que regressasse ao mundo dos vivos, com a desculpa de castigar a mulher que lhe não havia prestado as honras fúnebres devidas. Obtida a permissão, na terra teria continuado até idade avançada.

²⁸ Montanha do sul da Málide (vide supra, nota 2).

²⁹ Calcodonte era um herói da Eubeia cujo túmulo, segundo Pausânias (IX. 17.3 e 19.3), se encontrava a noroeste da ilha. Pai de Elefenor, comandante dos Eubeenses em Tróia (*Ilíada* II. 540), parece ter sido também um dos companheiros de Hércules na expedição a Élis.

³⁰ Tráquis, cidade situada entre o Eta e o golfo Maliaco, onde se vai lançar o rio Esperquio que nasce na Tessália. Os três termos pretendem indicar, portanto, a pátria de Filoctetes.

³¹ Ilha do mar Egeu, a nordeste da Eubeia, famosa pelos seus vinhos.

³² Segui a interpretação de Webster, p. 105, *ad v. 552*, para *προστυχόντι τῶν ἰσῶν*, por me parecer a mais correcta. Para ele, o modo como a frase começa aponta para um sentido de «já que eu tive a mesma sorte do que tu», isto é, de ancorar na ilha de Lemnos.

Jebb, p. 95, *ad v. 551 sq.*, no entanto, supõe que a referida expressão significa «colhendo a recompensa devida», «recebendo o prémio devido» — como pelas suas novas esperam também receber os mensageiros no *Rei Édipo* 1005-1006 e em *As Traquinias* 190 —, aliás de acordo com a resposta de Neoptólemo no v. 557.

³³ Acamas e Demofonte. Fénix fora o educador de Aquiles (vide supra, nota 16).

³⁴ Na *Ilíada* VI. 76, é considerado o melhor dos adivinhos. De acordo com a versão do mito seguida por Eurípides na *Andrômaca* (1224-1225), terminada a guerra de Tróia, parte com Neoptólemo para a Ftia e, após a morte do filho de Aquiles, casa com Andrômaca.

³⁵ Diz-nos o mito que Sísifo (vide supra, nota 24) conseguira, após a morte, regressar do Hades à vida para exigir da esposa que lhe prestasse as honras fúnebres (vide supra, nota 27).

³⁶ Observe-se que pouco tempo antes Neoptólemo parece dizer-nos que a ocasião é boa para navegar (vv. 464-467).

³⁷ Trata-se de uma referência ao conhecido castigo de Ixíon que, acolhido no Olimpo como suplicante de Zeus, tenta seduzir Hera. Aquele, como castigo da sua insolência e ingratidão, ata-o a uma roda em contínuo movimento.

³⁸ Hércules, devido ao sofrimento atroz que a túnica embebida no sangue de Néssos lhe causara (vide infra, nota 39), deseja uma morte rápida, pelo que suplica o levem ao monte Eta e aí o queimem vivo. Segundo uma versão do mito, que Sófocles segue na sua tragédia *As Traquinias*, é o filho Hilo que atea o fogo à pira; para outra versão, que está implícita em vários passos da presente tragédia, teria sido Filoctetes a atear o fogo (cf. vv. 801-803).

Como era filho de Zeus, o suicídio redundava em apoteose: os deuses recebem-no no Olimpo e concedem-lhe a imortalidade.

³⁹ Hércules. Com o arco, o herói atingira o centauro Néssos que, moribundo, entrega uma gota do sangue da ferida a Dejanira, dizendo-lhe dolosamente que constituía um mágico elixir amoroso. Foi com esse sangue que ela, julgando que desse modo recuperava o amor do marido, embebeu a túnica que, enviada a Hércules, lhe causou a ruína e a morte. Este é o tema de uma outra tragédia de Sófocles, *As Traquinias*. A peça termina precisamente com a morte de Hércules.

⁴⁰ Em Lemnos havia um vulcão e o mito colocava na ilha as oficinas de Hefestos. Tendo em conta a referência a este deus nos vv. 986-988, talvez haja aqui uma alusão aos mitos da tecnologia, a Hefestos e aos Sínties que trabalhavam com o fogo e ajudavam aquele deus (cf. *Ilíada* I. 592-594; *Odisseia* VIII. 282-301). Segundo Cícero, *Tusculanas* II. 10, 23, foi de Lemnos que Prometeu roubou o fogo para o dar aos mortais.

⁴¹ Em grego *παύσιον* «que suaviza as dores». Péon era um epíteto de Asclépios, assim como Eglá (*αἴγλα* «serenidade») que aparece no verso anterior) é a sua irmã.

⁴² A. M. Dale, *The Lyric Metres of Greek Drama*, Cambridge, 21968, pp. 117-119, propõe a supressão deste verso, no que é seguida por Webster, p. 122, *ad v.* 859, que o considera também desnecessário ao sentido e metricamente embaraçoso. Por isso, emite a opinião de que se trate de uma nota marginal de um outro poeta, mais tarde introduzida no texto. W. Lameere, «L'«Ode au Sommeil» de Sophocle *Philoctète*. Vers 827-864», *Le Monde Grec. Hommages à Cl. Préaux*, Éditions de l'Université de Bruxelles, 1978 p. 129, considera o verso indispensável ao que chama a *responsio interna* tanto do epodo como do conjunto da «ode»: destruiria o equilíbrio de quatro versos que precedem e seguem os dois tetrâmetros dactílicos (vv 860-861) inseridos no centro do epodo.

⁴³ Ulisses só com grande relutância partiu na expedição contra Tróia; segundo uma tradição posterior aos Poemas Homéricos, ter-se-ia mesmo fingido de louco para se eximir ao juramento feito a Tindaro e que ele próprio tinha sugerido (vide supra, nota 6). Palamedes, contudo, teve artes de provar que a loucura era fictícia, pelo que Ulisses se viu obrigado a cumprir o juramento e a integrar-se na expedição.

⁴⁴ Teucro, irmão natural de Ajax, era perito no manejo do arco (cf. *Iliada* XIII. 313-314).

⁴⁵ Passo um pouco confuso e que tem sido objecto de várias tentativas de modificação, sobretudo no v. 1092, e de várias maneiras interpretado. Segui o texto e a interpretação propostos por Webster, pp. 136-137, *ad v.* 1092, que condiz, aliás, com o que Filoctetes referira pouco antes (vv. 955-959).

⁴⁶ Segundo a versão de alguns manuscritos, aceite por vários autores, mas que Pearson coloca entre *cruces*.

⁴⁷ Negativa heróica e grave, com toda a carga solene da linguagem homérica: cf. *Iliada* I. 580, onde nos aparece o mesmo epíteto de Zeus *ἀστεροπητής* «que lança o raio», e XV. 117, onde Ares ameaça vingar a morte do filho, mesmo que seja atingido depois pelo raio de Zeus.

⁴⁸ Contradição com as suas próprias palavras nos versos 488 sqq., embora nos vv. 493-494 e 497 admita a possibilidade da sua morte. Talvez, na situação desesperada presente, essa possibilidade lhe tenha aparecido como realidade, ou, como diz P. Mazon, *Sophocle* III, Paris, Les Belles Lettres, 21967, p. 55, nota 4, talvez sinta agora que já não pode procurar o pai em vida mas unicamente entre os mortos.

⁴⁹ Há aqui uma oposição entre duas concepções de sabedoria: a de Ulisses, por um lado, que não desdenha a astúcia, a fraude, a traição, o engano, — quaisquer meios para atingir os objectivos que deseja; por outro lado, e

contraposta a esta, a que Neoptólemo agora aceita e defende. Embora Ulisses, no Prólogo, consiga que o filho de Aquiles aceite a sua concepção de *sophia*, a acção posterior da tragédia põe este último em contacto com Filoctetes e fá-lo ver pouco a pouco a falsidade que tal concepção implica. Rejeita-a e passa a defender firmemente uma *sophia* que não prescinde da justiça nem se compreende desligada dos valores morais.

⁵⁰ Literalmente: «não temo o teu receio».

No verso seguinte os manuscritos apresentam uma lacuna. Contudo, nem todos os comentadores a aceitam e alguns fazem mesmo uma nova distribuição dos versos, colocando o 1253 antes do 1552. Parece-me melhor admitir a lacuna, uma vez que o verso 1252, proferido por Neoptólemo, exige uma fala de Ulisses que diga mais ou menos o seguinte: «Mas eu te obrigarei», ou «Mas a minha mão te infundirá esse receio».

⁵¹ Vide supra, nota 2.

⁵² Segundo a *Iliada* II. 731-732, no exército grego que combatia em Tróia, havia dois filhos de Asclépios, Macáon e Podalirio.

⁵³ As palavras entre colchetes são dois versos visivelmente interpolados, não só porque, como nota Webster, p. 153, *ad v.* 1365, são toscos na sua expressão, mas ainda porque não apoiam em nada o argumento, antes expresso, de que Neoptólemo fora injuriado. Deve tratar-se de uma interpolação de um actor que teria achado estranha a não referência à bem conhecida disputa das armas de Aquiles entre Ulisses e Ájax. Mas que aqui não só não é significativa como até não vem muito a propósito.

⁵⁴ Segui a interpretação de Webster, p. 154, *ad v.* 1377, que faz depender *τῶιδε δυστήνῳ ποδί* de *ἔχθιστον*: «muito hostil a este meu desditoso pé». Uma outra interpretação possível, apontada por Jebb e a mais seguida geralmente, é a que toma *τῶιδε δυστήνῳ ποδί* como dativo de companhia «com este meu desditoso pé». No entanto, como observa Webster, nunca anteriormente Filoctetes se serviu de tal argumento, insistindo pelo contrário, com frequência, no ter sido abandonado pelos Atridas devido à chaga do pé.

⁵⁵ Trata-se de um verso difícil de interpretar. Nem todos os comentadores aceitam a lição que vem nos mss. Jebb, p. 212 considerando que Neoptólemo não iria dizer «como pode alguém sentir vergonha, quando recebe um benefício?» que, de acordo com o verso seguinte, nos levaria a pensar em ajuda aos Atridas — nesta altura, um sentimento inconveniente na boca do filho de Aquiles —, considera o v. 1383 corrupto e aceita a emenda de Buttman: *ῶφελῶν φίλους* em vez de *ῶφελούμενος*.

Penso, contudo, com Linforth, «Philoctetes. The Play and the Man», *University of California Publications in Classical Philology* 15, 3 (1956) 146,

nota 27, que o v. em questão é autêntico e apresenta um sentido satisfatório. Tendo *ὠφελούμενος* a acepção de «receber benefício dos deuses», Neoptólemo está a pensar na promessa feita pelos deuses na profecia: conquista de Tróia e cura de Filoctetes. É certo que este toma a expressão como referência a uma ajuda aos Atridas, mas Neoptólemo logo se apressa a rectificar que é seu amigo e não fala senão de benefício a ele, Filoctetes.

⁵⁶ Pearson e outros editores (cf. Jebb, p. 253) mantêm as palavras «da tua pátria... como dizes» (*σῆς πάτρας... ὥσπερ ἀδῶς*). No entanto, a maioria dos editores modernos defende a sua exclusão, proposta por Dindorf (que as considera um acrescento). Para Jebb, p. 216, *ad v. 1407*, que aceita e justifica a exclusão, «da tua pátria» (*σῆς πάτρας*) teria surgido de uma glosa explanatória de «aproximarem» (*πελάζειν*) e, em consequência disso, o resto foi acrescentado para suprir uma suposta deficiência métrica. Contra os que estranham o abrupto da fala de Neoptólemo *στεῖχε προσχύσας χθόνα* (traduzindo à letra: «vem depois de ter saudado esta terra»), Jebb argumenta que o jovem já tinha realmente a decisão tomada e que o simples *στεῖχε* a abrir a fala está mais de harmonia com o contexto.

⁵⁷ Segui a interpretação de Jebb para *ἀθάνατον ἀρετῆν* «a arete imortal», «gloriosa imortalidade».

⁵⁸ Não me parece correcta a interpretação de Jebb, pp. 218-219, para *ἐκ* na frase *ἐκ τῶν πόνων τῶνδε* (v. 1422). Ao dar-lhe o sentido de «através de, como resultado de», faz a aquisição da glória depender dos sofrimentos, como observa Linforth, «Philoctetes The Play and the Man», *University of California Publications in Classical Philology* 15.3 (1956) 154, nota 32. De acordo com este autor, parece-me mais correcto atribuir-lhe o sentido de «depois de» (o mesmo que tem nos vv. 271 e 720), dando à frase um significado que expressa o sentimento de inevitável alternância da sorte humana.

⁵⁹ Hércules já uma vez havia saqueado Tróia para castigar o seu rei Laomedonte.

⁶⁰ Estas palavras deviam trazer aos espectadores lembranças tristes: a destruição da frota, quando regressava de Tróia, como castigo dos deuses, por os Aqueus não terem respeitado, na altura do saque a Tróia, os vencidos que se haviam refugiado nos templos e altares — por exemplo, o rapto de Cassandra no templo de Atena e a morte de Príamo junto ao altar de Zeus, às mãos de Neoptólemo, que depois recebe em Delfos o conseqüente castigo (Eurípides aproveita esta parte do mito na sua *Andrómaca*). Sófocles termina a cada passo as suas peças por uma alusão — irónica por vezes — ao futuro das figuras: neste caso Neoptólemo. Vide Winnington-Ingram, *Sophocles* cit., pp. 302-303.

⁶¹ Elevação da ilha de Lemnos.

⁶² Referência a Zeus. Cf. Winnington-Ingram, *Sophocles* cit., p. 300.

BIBLIOGRAFIA SELECTA

Edições críticas e comentários

- A. Colonna, *Sophoclis fabulae* III (Corpus Scriptorum Graecorum Paravianum, Torino, 1983).
- A. Dain et P. Mazon, *Sophocle* III (Paris, Les Belles Lettres, ²1967).
- R. D. Dawe, *Sophoclis Tragoediae* II (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana, Leipzig, ²1985).
- I. Errandonea, *Sófocles: Tragedias* III (Barcelona, Editiones Alma Mater, 1968).
- R. C. Jebb, *Sophocles, IV: the Philoctetes* (Amsterdam, A. M. Hakkert, 1966, reimpressão da edição de Cambridge, 1932) [Jebb].
- J. C. Kamerbeek, *The Plays of Sophocles. Commentaries. VI — The Philoctetes* (Leiden, 1980).
- H. Lloyd-Jones and N. G. Wilson, *Sophoclis Fabulae* (Oxford Classical Texts, 1990).
- A. C. Pearson, *Sophoclis fabulae* (Oxford Classical Texts, 1.^a edição em 1924, última edição com correções em 1961).
- R. G. Ussher, *Sophocles: Philoctetes*, with an introduction and commentary (Warminster, Aris & Phillips, 1990).
- T. B. L. Webster, *Sophocles: Philoctetes* (Cambridge University Press, 1970) [Webster].

Estudos

- H. C. Avery, «Heracles, Philoctetes, Neoptolemus» *Hermes* 93,3 (1965) 279-297.
- Mary W. Blundell, «The Phusis of Neoptolemus in Sophocles' *Philoctetes*», *G & R*, 35 (1988), 137-148.
- , «The Moral Character of Odysseus in *Philoctetes*», *GRBS* 28 (1987), 307-329.
- , *Helping Friends and Harming Enemies. A Study in Sophocles and Greek Ethics* (Cambridge, 1989).

- C. M. Bowra, *The Sophoclean Tragedy* (Oxford, 1944) [Bowra, *Soph. Tragedy*].
- E. M. Craik, «The staging of Sophocles' *Philoctetes* and Aristophanes' *Birds*», in E. M. Craik (ed.), *Owls to Athens. Essays on Classical Subjects for K. Dover* (Oxford, 1990), pp. 81-84.
- I. Errandonea, *Sofocles* (Madrid, Escelicer, 1958).
- E. Fraenkel, *Due seminari romani di Eduard Fraenkel. «Aiace» e «Filottete» di Sofocle*, a cura di alcuni partecipanti (Roma, 1977).
- Ch. Fuqua, «Studies in the Use of Myth in Sophocles' *Philoctetes* and the *Orestes* of Euripides», *Traditio* 32 (1976) 29-95.
- A. F. Garvie, «Deceit and persuasion in the *Philoctetes*», *Studi classici in onore di Quintino Cataudella I* (Univ. Catania, 1972), pp. 213-226 [A. F. Garvie, *Studi Classici I*].
- Carola Greengard, *Theatre in Crisis. Sophocles' Reconstruction of Genre and Politics in Philoctetes* (Amsterdam, 1987).
- S. G. Harrison, «Sophocles and the cult of Philoctetes», *JHS* 109 (1989), 173-175.
- A. E. Hinds, «The Prophecy of Helenus in Sophocles *Philoctetes*», *CQ* 17 (1967) 169-180.
- M. H. Jameson, «Politics and the *Philoctetes*», *Classical Philology*, 51 (1956) 217-227.
- J. S. Kieffer, «Philoctetes and *Arete*», *Classical Philology* 37 (1942) 38-50.
- G. M. Kirkwood, *A Study of Sophoclean Drama* (Ithaca, Cornell Univ. Press, 1958) [Kirkwood, *Soph. Drama*].
- H. D. F. Kitto, *Greek Tragedy* (London, Methuen, ³1966). (Tradução port.: *A tragédia grega* (Coimbra, Arménio Amado, 1972).
- , *Form and Meaning in Drama* (London, Methuen, ²1959, pp. 87-137).
- B. M. W. Knox, *The Heroic Temper* (Berkeley, Univ. of California Press, 1966).
- R. Laurenti, «Interpretazione del *Filottete* di Sofocle», *Dioniso* 35 (1961) 36-57 [R. Laurenti, *Dioniso* 35].
- V. Leinicks, *The Plays of Sophocles* (Amsterdam, 1982).
- I. M. Linforth, «Philoctetes. The Play and the Man». *University of California Publications in Classical Philology* 15, 3 (1956) 95-156.
- H. Lloyd-Jones and N. G. Wilson, *Sophocles. Studies on the text of Sophocles* (Oxford, Clarendon Press, 1990), pp. 179-213.
- H. Musurillo, *The light and the darkness. Studies in the dramatic poetry of Sophocles* (Leiden, E. J. Brill, 1967).

- J. P. Poe, *Heroism and divine justice in Sophocles Philoctetes* (Mnemosyne Supplem. 34, Leiden, E. J. Brill, 1974).
- M. O. Pulquério, *Problemática da tragédia sofocliana* (Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1968, repr. 1987) [M. O. Pulquério, *Problemática*].
- K. Keinhardt, *Sophokles* (Frankfurt, ³1948).
- J. Ribeiro-Ferreira, «O problema educativo do *Filoctetes*», *Humanitas* 29-30 (1977-1978) 21-50 [J. Ribeiro Ferreira, «O problema educativo»].
- , «O Significado da Figura de Ulisses no *Filoctetes*», *Humanitas* 31-32 (1979-1980) 115-139.
- G. Ronnet, *Sophocle, poète tragique* (Paris, de Boccard, 1969) [G. Ronnet, *Sophocle*].
- Jens-Uwe Schmidt, *Sophokles: Philoktet. Eine Strukturanalyse* (Heidelberg, 1973).
- Ch. Segal, «Divino e umano nel *Filottete* di Sofocle», *Quaderni Urbinati* 23 (1976) 67-89 [Segal, «Divino e umano»].
- , «Philoctetes and the imperishable Piety». *Hermes* 105 (1977) 133-158.
- Ch. Segal, *Tragedy and Civilization. An Interpretation of Sophocles* (Cambridge, Harvard Univ. Press, 1981), Caps. 9 e 10.
- M. Stokes, «Textual notes on Sophocles' *Philoctetes*», in E. M. Craik (ed.), *Owls to Athens* (Oxford, 1990), pp. 13-23.
- P. Vidal-Naquet, «Le *Philoctète* de Sophocle et l'éphébie», *Annales E.S.C.* (1971) 623-638.
- A. J. A. Waldock, *Sophocles the dramatics* (Cambridge, ²1966).
- T. B. L. Webster, *An introduction to Sophocles* (London, Methuen, ²1969).
- C. H. Whitman, *Sophocles. A study of heroic humanism* (Cambridge Mass. ²1966).
- R. P. Winnington-Ingram, *Sophocles. An Interpretation* (Cambridge, 1980).

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
 INSTITUTO DE LETRAS DE COIMBRA

ÍNDICE

	Págs.
<i>Prefácio</i>	7
INTRODUÇÃO	9
FILOCTETES	31
PESSOAS DO DRAMA	33
TRADUÇÃO	35
NOTAS	113
BIBLIOGRAFIA SELECTA	123

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Textos clássicos

1. PLAUTO, *Anfitrião*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1978. 3.^a edição, 1988.
2. PLAUTO, *O Gorgulho*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1978. 3.^a edição, 1991.
3. ARISTÓFANES, *As mulheres que celebram as Tesmofórias*. Introdução, versão do grego e notas de MÁRIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1978. 2.^a edição, 1988.
4. SÓFOCLES, *Filoctetes*. Introdução, versão do grego e notas de JOSÉ RIBEIRO FERREIRA. 1979. 2.^a edição, 1988.
5. SÓFOCLES, *Rei Édipo*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DO CÉU ZAMBUJO FIALHO. 1979. 2.^a edição, 1986.
6. EURÍPIDES, *Hipólito*. Introdução, versão do grego e notas de BERNARDINA DE SOUSA OLIVEIRA. 1979.
7. PLATÃO, *Lísis*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1980.
8. PLAUTO, *O soldado fanfarrão*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1980. 2.^a edição, 1987.
9. ARISTÓFANES, *Os Acarnenses*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1980. 2.^a edição, 1988.
10. PLAUTO, *Epidico*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1980. 2.^a edição, 1988.
11. ARISTÓFANES, *Pluto*. Introdução, versão do grego e notas de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1982. 2.^a edição, 1989.
12. PLATÃO, *Cármides*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1981. 2.^a edição, 1988. 3.^a edição, 1996.
13. EURÍPIDES, *Orestes*. Introdução, versão do grego e notas de AUGUSTA FERNANDA DE OLIVEIRA E SILVA. 1982.
14. TERÊNCIO, *Os dois irmãos*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1983. 2.^a edição, 1988. 3.^a edição, 1996.
15. PLATÃO, *Fédon*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1983.
16. PLAUTO, *Os dois Menecmos*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1983. 2.^a edição, 1989.
17. ARISTÓFANES, *A Paz*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1984. 2.^a edição, 1989.
18. SÓFOCLES, *As Traquinias*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DO CÉU ZAMBUJO FIALHO. 1984. 2.^a edição, 1989.

19. SÓFOCLES, *Antígona*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA. 1984. 2.ª edição, 1987. 3.ª edição, 1992.
20. PLATÃO, *Apologia de Sócrates. Críton*. Introdução, versão do grego e notas de MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO. 1984. 2.ª edição, 1990.
21. PLATÃO, *Hípias Maior*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1985. 2.ª edição, 1989.
22. PLAUTO, *A comédia da marmita*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1985. 2.ª edição, 1989.
23. AVIENO, *Orla marítima*. Introdução, versão do latim e notas de José RIBEIRO FERREIRA. 1985. 2.ª edição, 1992.
24. ARISTÓFANES, *Os Cavaleiros*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1985. 2.ª edição, 1991.
25. ÉSQUILO, *Agamémnon*. Introdução, versão do grego e notas de MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO. 1985. 2.ª edição, 1996.
26. TERÊNCIO, *A sogra*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1987.
27. PLATÃO, *Laques*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1987.
28. ARISTÓFANES, *As mulheres no Parlamento*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1988. 2.ª edição, 1996.
29. TERÊNCIO, *A moça que veio de Andros*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1988.
30. MENANDRO, *O discolo*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1989.
31. LUCIANO, *Diálogo dos mortos*. Introdução, versão do grego e notas de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1989.
32. PLATÃO, *Hípias Menor*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1990.
33. EURÍPIDES, *Medeia*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA. 1991. 2.ª edição, 1996.
34. ÉSQUILO, *Persas*. Introdução, versão do grego e notas de MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO. 1992.
35. TERÊNCIO, *O homem que se puniu a si mesmo*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1993.
36. CÍCERO, *A Amizade*. Introdução, versão do latim e notas de SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO. 1993.

Textos do Humanismo Renascentista em Portugal

- CARLOS ASCENSO ANDRÉ, *Diogo Pires — Antologia poética*. Introdução, tradução, comentário e notas. 1983.
- AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Latim renascentista em Portugal*. Introdução, selecção, versão do latim, comentário e notas. 1985.
- ISALTINA DAS DORES FIGUEIREDO MARTINS, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no século XVI*. 1986.
- SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO, *Lopo Serrão e o seu poema "Da velhice"*. Estudo introdutório, texto latino e aparato crítico, tradução e notas. 1987.
- VIRGÍNIA SOARES PEREIRA, *André de Resende — Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Introdução, texto latino, versão e notas. 1988.
- AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Para a história do Humanismo em Portugal - I*. 1988.
- ALBINO DE ALMEIDA MATOS, *A Oração de Sapiência de Hilário Moreira*. 1990.
- MARIO SANTORO, *Amato Lusitano ed Ancona*. 1990.
- BELMIRO FERNANDES PEREIRA, *As Orações de Obediência de Aquiles Estaço*. 1991.
- CARLOS ASCENSO ANDRÉ, *Um judeu no desterro. Diogo Pires e a memória de Portugal*. 1992.
- NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES, *O Príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, 1994.

Estudos de Cultura Clássica

- MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO, *Problemática da tragédia sofocliana*. 1987.
- MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA, *Crítica do teatro na comédia antiga*. 1987.
- JOSÉ RIBEIRO FERREIRA, *O drama de Filoctetes*. 1989.
- CARLOS MORAIS, *Expectativa e movimento no "Filoctetes"*. 1991.
- FRANCISCO DE OLIVEIRA, *Les idées politiques et morales de Pline l'Ancien*. 1992.
- JOSÉ RIBEIRO FERREIRA, *Hélade e Heleno. I. Génese e Evolução de um Conceito*, 1992.
- MARIA DO CÉU ZAMBUJO FIALHO, *Luz e trevas no teatro de Sófocles*. 1992.

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

- A. COSTA RAMALHO e J. CASTRO NUNES — *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca-Geral da Universidade de Coimbra, relativos à Antiguidade Clássica*. 1945.
- JORGE ALVES OSÓRIO — *M.º João Fernandes: A Oração sobre a Fama da Universidade (1548)*. Prefácio, introdução, tradução e notas. 1967.
- ANA PAULA QUINTELA F. SOTTOMAYOR — *Ésquilo: As Suplicantes*. Introdução, tradução do grego e notas. 1968.
- Catálogo Parisio Sículo — Martinho Verdadeiro Salomão*. Prólogo, tradução e notas de DULCE DA C. VIEIRA. Introdução e revisão de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1974.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Poesia grega arcaica*. 2^ª1994.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Hélade. Antologia da cultura grega*. 6.^a edição, 1995.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Romana. Antologia da cultura romana*. 3^ª1994.
- FRANCISCO DE OLIVEIRA — *Ideias morais e políticas em Plínio o Antigo*. 1986.
- CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA — *Sic itur in Vrhem. Iniciação ao latim*. 6^ª1993.
- CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA — *Iniciação ao grego*. 2^ª1987.
- As Línguas Clássicas: investigação e ensino. Actas 1993*.
- As Línguas Clássicas: investigação e ensino — II. Actas 1995*.

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

- J. GERALDES FREIRE — *A versão latina por Pascásio de Dume dos "Apophtegmata Patrum"*. 2 vols. 1971.
- J. RIBEIRO FERREIRA — *Eurípides: Andrómaca*. Introdução, tradução do grego e notas. 1971.
- J. GERALDES FREIRE — *Commonitiones Sanctorum Patrum. Uma nova coleção de apotegmas*. Estudo filológico. Texto crítico. 1974.
- Catálogo Parisio Sículo — Duas orações*. Prólogo, tradução e notas de MARIA MARGARIDA BRANDÃO GOMES DA SILVA. Introdução e revisão de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1974.
- C. A. PAIS DE ALMEIDA — *Eurípides: Ifigénia em Áulide*. Introdução e tradução do grego. 1974.
- M. SANTOS ALVES — *Eurípides: As Fenícias*. Introdução, tradução do grego e notas. 1975.
- M. DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA — *Menandro: O díscolo*. Introdução, tradução do grego e notas. 1976.
- NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES: *Diogo de Teive — Tragédia do Príncipe João*. 1977
- AMÉRICO DA COSTA RAMALHO — *Estudos camonianos*. 2^ª1980.

Junta Nacional de Investigación Científica e Tecnológica